

# **ABORDAGEM QUALITATIVA NA PESQUISA EM ORGANIZAÇÕES**

10. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa Joe L. Kincheloe e Peter McLaren	281
11. Estudos culturais John Frow e Meaghan Morris	315
12. As sexualidades, a teoria <i>queer</i> e a pesquisa qualitativa Joshua Gamson	345
Parte III. O futuro da pesquisa qualitativa	363
13. Investigação qualitativa: tensões e transformações Mary M. Gergen e Kenneth J. Gergen	367
14. O sétimo momento: deixando o passado para trás Yvonna S. Lincoln e Norman K. Denzin	389
Sugestões de leitura	407
Índice onomástico	411
Índice remissivo	423

# 1

## Introdução

### *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa\**

Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln

A pesquisa qualitativa revela uma longa, notável e, por vezes, atribulada história nas disciplinas humanas. Na sociologia, o trabalho realizado pela "escola de Chicago" nas décadas de 1920 e 1930 determinou a importância da investigação qualitativa para o estudo da vida de grupos humanos. Na

educação (especialmente o trabalho de Dewey), a história, a ciência política, os negócios, a medicina, a enfermagem, a assistência social e as comunicações:

mesma época, na antropologia, os estudos de Boas, Mead, Benedict, Bateson, Evans-Pritchard, Radcliffe-Brown e Malinowski, que definiam a disciplina, traçaram os contornos do método de trabalho de campo (Guipa e Ferguson, 1997; Stocking, 1986, 1989). A agenda era clara: o observador partia para um cenário estrangeiro a fim de estudar os costumes e os hábitos de outra sociedade ou cultura (Vidich e Lyman, Capítulo 2; Tedlock, Volume 2,\*\* Capítulo 6; Rosaldo, 1989, p. 25-45, em relação às críticas dessa tradição). Em pouco tempo, a pesquisa qualitativa passou a ser empregada em outras disciplinas das ciências sociais e comportamentais, incluindo a

No primeiro capítulo da Parte I, Vidich e Lyman traçam muitos aspectos fundamentais dessa história. Nessa análise agora clássica, eles observam, com certa ironia, que a pesquisa qualitativa na sociologia e na antropologia "nasceu de uma preocupação em entender o 'outro'". Além do mais, esse outro era o outro exótico, uma pessoa primitiva, não-branca, proveniente de uma cultura estrangeira considerada menos civilizada do que a cultura do pesquisador. É claro que, muito antes dos antropólogos, já havia colonialistas. No entanto, não fosse por essa mentalidade investigativa que transformou a figura do outro de pele escura no objeto do olhar do etnógrafo, não haveria uma história colonial, e, agora, nem uma história pos-colonial.

\*Agradecemos a todos que colaboraram com este capítulo, incluindo Egon Guba, Mitch Allen, Peter Labelle, Jack Braith e Katherine E. Ryan. Subtítulo extraído de Guba e Ferguson (1997).

\*\*N. de R. Este capítulo contém referências aos volumes 2 e 3 do *Handbook of qualitative research* publicado originalmente pela Sage. Para mais detalhes sobre esses volumes, os leitores devem procurar as obras originais.



lista, pesquisador de campo, jornalista, crítico social, artista, ator, músico de jazz, produtor de filmes, confeccionador de colchas, ensaísta. A diversidade de práticas metodológicas da pesquisa qualitativa pode ser vista como *soft science*,<sup>4</sup> jornalismo, etnografia, *bricolage*, confecção de colchas e montagem. O pesquisador, por sua vez, talvez seja visto como um *bricoleur*, um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens. (Para saber a respeito de montagem, ver discussão abaixo e também Cook, 1981, p. 171-177; Monaco, 1981, p. 322-328. Sobre esse processo da confecção de colchas, veja hooks, 1990, p. 115-122; Wolcott, 1995, p. 31-33.)

Nelson, Treichler e Grossberg (1992), Lévi-Strauss (1966) e Weinstein e Weinstein (1991) esclarecem os significados de *bricolage* e de *bricoleur*.<sup>5</sup> Um *bricoleur* é um pau-para-toda-obra ou um profissional do faça-voce-mesmo (Lévi-Strauss, 1966, p. 17). Existem muitos tipos de *bricoleurs* — interpretativo, narrativo, teórico, político. O *bricoleur* interpretativo produz uma *bricolage* — ou seja, um conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa. “A solução [bricolage] que é o resultado do método do *bricoleur* é uma construção ‘emergente!’” (Weinstein e Weinstein, 1991, p. 161) que sofre mudanças e assume novas formas à medida que se acrescentam diferentes instrumentos, métodos e técnicas de apresentação e de interpretação a esse quebra-cabeça. Nelson e colaboradores (1992) descreve a metodologia dos estudos culturais “como uma *bricolage*. Ou seja, sua opção de prática é pragmática, estratégica e auto-reflexiva” (p. 2). Podemos aplicar essa compreensão, com restrições à pesquisa qualitativa.

Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitatif utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance (Becker, 1998, p. 2). Havendo a necessidade de que novas ferramentas ou

técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará. As opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência. A “escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto” (Nelson et al., 1992, p. 2), do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário.

Essas práticas interpretativas envolvem questões estéticas, uma estética da representação que extrapola o pragmático, ou o prático. A esta altura, cabe definirmos o conceito de *montagem* (Cook, 1981, p. 323; Monaco, 1981, p. 171-172). A montagem é um método de edição de imagens cinematográficas. Na história da cinematografia, a montagem é associada ao trabalho de Sergei Eisenstein, especialmente de seu filme *O Encouraçado Potemkin* (1925). Na montagem, diversas imagens diferentes são sobrepostas para criar um quadro. De uma certa forma, a montagem é como o pentimento, no qual algo que havia sido pintado, mas que não pertencia ao retrato (uma imagem da qual o pintor “arrependeu-se”, ou a qual ele rejeitou), ganha novamente visibilidade, criando algo novo. O novo é o que havia sido obscurecido por uma imagem anterior.

A montagem e o pentimento, assim como o jazz, que é a improvisação, criam a sensação de que as imagens, os sons e as compreensões estão se misturando, se sobrepondo, formando um composto, uma nova criação. As imagens parecem dar forma e definição umas às outras, havendo a produção de um efeito *gestalt*, emocional. Muitas vezes essas imagens combinam-se em uma sequência filmica veloz que produz uma coleção de diversas imagens que giram vertiginosamente em torno de uma sequência ou de um quadro central ou focalizador; esses efeitos são geralmente empregados para representar a passagem do tempo.

Talvez o mais famoso exemplo de montagem seja a sequência da Escadaria de Odessa em *O Encouraçado Potemkin*.<sup>7</sup> O clímax do filme é o momento em que os cidadãos de Odessa estão sendo massacrados pelas tropas czaristas na escadaria de pedra que desce até o porto. Eisenstein desvia o olhar para uma jovem mãe que empurra o carrinho com seu bebê no patamar entre os lances de escada em frente às tropas de fuzilamento. Os cidadãos passam correndo por ela, fazendo sacudir o carrinho. Ela fica com medo de descer com o carrinho até o próximo lance de es-

cada. As tropas encontram-se em um patamar acima dela, atirando nos cidadãos. Ela fica encurralada entre as tropas e as escadas. Ela grita. Só se vê a fumaça da explosão dos fuzis apontando para o céu. Sua cabeça inclina-se para trás. As rodas do carrinho vacilam à beira da escadaria. Ela agarra a fitela preta de seu cinto. Logo abaixo, as pessoas estão sendo espartilhadas pelos soldados. Pírgos de sangue mancham as luvas brancas da mulher. O bebê coloca a mão para fora do carrinho. A mulher move-se para frente e para trás. As tropas avançam. A mãe cai para trás contra o carrinho. Uma mulher assiste à cena horrificada ao ver as rodas traseiras do carrinho deslizarem cruzando a beira do patamar. O carrinho ganha velocidade despencando escada abaixo, passando pelos corpos dos cidadãos. O bebê é jogado de um lado para o outro dentro do carrinho. Soldados disparam seus fuzis contra um grupo de cidadãos feridos. Uma estudante grita ao ver o carrinho lançar-se sobre os degraus, inclinar-se e virar (Cook, 1981, p. 167).<sup>8</sup>

A montagem emprega imagens breves a fim de criar uma noção bem-definida de urgência e de complexidade. Ela convida os observadores a construir interpretações que se baseiam umas nas outras ao desenvolver da cena. Essas interpretações são construídas sobre associações baseadas em imagens contrastantes que se combinam entre si. Por trás da montagem, está a suposição de que a percepção e a interpretação das cenas, por parte dos espectadores, em uma “sequência de montagem, não ocorre *sequencialmente*, uma a cada vez, mas sim *simultaneamente*” (Cook, 1981, p. 172). O espectador agnupa essas sequências em um conjunto emocional significativo, como se lançasse os olhos sobre esta, de uma só vez.

O pesquisador qualitatif que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas ou um improvisador no jazz. Esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa. Há muitos exemplos de montagem na atual pesquisa qualitativa (Diversi, 1998; Jones, 1999; Lahter e Smithies, 1997; Ronald, 1998). Utilizando múltiplas vozes, diferentes formatos textuais e vários tamanhos e estilos de caracteres, Lahter e Smithies (1997) tecem um texto complexo sobre mulheres HIV-positivas e mulheres com AIDS. Jones (1999) cria um texto de *performance* utilizando letras de *blues* cantados por Billie Holiday.

Quanto aos textos baseados nas metáforas da montagem, da confecção de colchas, e da improvisação do jazz, muitas coisas diferentes vêm ocorrendo ao mesmo tempo — diferentes vozes, diferentes perspectivas, pontos de vista, ângulos de visão. Assim como os textos de *performance*, os trabalhos que utilizam a montagem conseguem ao mesmo tempo criar e representar o significado moral. Deslocam-se do pessoal para o político, do local para o histórico e para o cultural. São textos dialógicos. Presumem uma audiência ativa. Criam espaços para a troca de idéias entre o leitor e o escritor. Fazem mais do que transformar o outro no objeto do olhar das ciências sociais (veja McCall, Capítulo 4, Volume 2).

O foco da pesquisa qualitativa possui inerentemente uma multiplicidade de métodos (Flick, 1998, p. 229). No entanto, o uso de múltiplos métodos ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão. A realidade objetiva nunca pode ser capturada. Podemos conhecer algo apenas por meio das suas representações. A triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, mas uma alternativa para a validação (Flick, 1998, p. 230). A melhor maneira então de compreendermos a combinação de uma multiplicidade de práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observadores em um único estudo é como uma estratégia que apresenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação (Flick, 1998, p. 231).

No Capítulo 14 do Volume 3, Richardson contesta o conceito de triangulação, declarando que, para a investigação qualitatif, a imagem central é a do cristal, e não a do triângulo. Os textos de gêneros (estilos) mistos do momento pós-experimental possuem mais de três lados. Assim como os cristais, a montagem de Eisenstein, o solo de jazz, ou os relatos que compõem uma colcha, esse texto de gêneros mistos, como observa Richardson, “combina simetria e substância com uma infinita variedade de formatos, de substâncias, de transmutações (...) Os cristais crescem, mudam, alteram-se (...) Cristais são prismas que refletem externalidades e retratam-se dentro de si mesmos, criando diferentes cores, padrões, exhibições, que se lançam em diferentes direções”.

No processo de cristalização, o autor conta a mesma história a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, em *A third-body tale* (1992), Margery Wolf

<sup>4</sup> X. de T. Termo que engloba áreas de estudos que interpretam o comportamento humano, as instituições, a sociedade, com base em investigações científicas para as quais é difícil estabelecer critérios exatos. Ex.: psicologia, antropologia, sociologia, etc.

utiliza a ficção, as notas de campo e um artigo científico para fornecer um relato do mesmo conjunto de experiências em um povoado nativo. De um modo semelhante, em sua peça *Fires in the Mirror* (1993), Anna Deavere Smith apresenta uma série de textos de *performance* baseados em entrevistas realizadas com pessoas envolvidas em um conflito racial em Crown Heights, Brooklyn, em 19 de agosto de 1991 (Danzin, Capítulo 13, Volume 3). A peça conta com múltiplas falas, incluindo conversas entre membros de gangues, policiais e meninos anônimos. Não há nenhuma forma "correta" de se contar esse evento. Cada forma de narrá-lo, tal como a luz ao atingir o cristal, reflete uma perspectiva diferente sobre o incidente.

Observada como uma forma cristalina, como uma montagem, ou ainda como uma *performance* criada em torno de um tema central, podemos ampliar assim a triangulação como uma forma de validade, ou como uma alternativa a esta. A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas "age" no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorar visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas.

O *bricolage* metodológico é um perito na execução de diversas tarefas, que variam desde a entrevista até uma auto-reflexão e introspecção intensivas. O *bricolage* teórico lê muito e é bem informado a respeito dos diversos paradigmas interpretativos (feminismo, marxismo, estudos culturais, construtivismo, teoria *queer*) que podem ser trazidos para um determinado problema. Entretanto, ele talvez não ache que os paradigmas possam ser misturados ou sintetizados. Ou seja, é difícil esse deslocamento entre os paradigmas como sistemas filosóficos de maior abrangência que denotam ontologias, epistemologias e metodologias específicas. Eles representam sistemas de crenças que vinculam os usuários a visões de mundo particulares. Já as perspectivas são sistemas não tão bem desenvolvidos, e o deslocamento entre elas é mais fácil. O pesquisador no papel de teórico *bricoleur* trabalha dentro de perspectivas e paradigmas concorrentes e sobrepostos, e entre eles.

O *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo iterativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social,

pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário. O *bricoleur* político sabe que a ciência significa poder, pois todas as descobertas da pesquisa têm implicações políticas. Não existe nenhuma ciência livre de valores. O que se busca é uma ciência social crítica baseada em uma política da esperança (Lincoln, 1999). O *bricoleur* narrativo, marcado pelo gênero, também sabe que todos os pesquisadores contam histórias sobre os mundos que estudaram. Logo, as narrativas, ou as histórias, que os cientistas contam são relatos expressos e montados dentro de tradições específicas da narração de histórias, muitas vezes definidas como paradigmas (p. ex., positivismo, pós-positivismo, construtivismo).

O produto do trabalho do *bricoleur* interpretativo é uma *bricolage* complexa (que lembra uma colcha), uma colagem ou uma montagem reflexiva — um conjunto de imagens e de representações mutáveis, interligadas. Essa estrutura interpretativa é como uma colcha, um texto de *performance*, uma sequência de representações que ligam as partes ao todo.

### A pesquisa qualitativa como um terreno de múltiplas práticas interpretativas

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra. É difícil definir claramente a pesquisa qualitativa como um terreno de discussão ou de discurso. Ela não possui uma teoria ou um paradigma nitidamente próprio. Como revelam as contribuições para a Parte II deste volume, há múltiplos paradigmas teóricos que alegam empregar os métodos e as estratégias da pesquisa qualitativa, desde os estudos construtivistas aos culturais, passando pelo feminismo, pelo marxismo e pelo modelo étnico de estudo. A pesquisa qualitativa é empregada em muitas disciplinas distintas, conforme discutiremos a seguir. Ela não pertence a uma única disciplina.

Nem possui um conjunto distinto de métodos ou práticas que seja inerentemente seu. Os pesquisadores qualitativos utilizam a análise semiótica, a análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos e a fônica, e até mesmo as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números. Também aproveitam e utilizam as abordagens, os métodos e as técnicas da etnometodologia, da fenomenologia, da hermenêuti-

ca, do feminismo, rizomáticas, do desconstrutivismo, da etnografia, das entrevistas, da psicanálise, dos estudos culturais, da pesquisa baseada em levantamentos e da observação participante, entre outras.<sup>9</sup> Todas essas práticas de pesquisa "podem oferecer importantes insights e conhecimento" (Nelson et al., 1992, p. 2). Não se pode privilegiar nenhum método ou nenhuma prática específicos em relação a qualquer outro método ou prática.

Muitos desses métodos, ou dessas práticas de pesquisa, são utilizados em outros contextos das disciplinas humanas. Cada um carrega os traços de sua própria história disciplinar. Sendo assim, há uma longa história dos usos e dos significados da etnografia e da etnologia na educação (Fine, Weis, Wesen e Wong, no Capítulo 4); da observação participante e da etnografia na antropologia (Tedlock, Volume 2, Capítulo 6; Ryan e Bernard, Volume 3, Capítulo 7; Brady, Volume 3, Capítulo 15), na sociologia (Gubrium e Holstein, Volume 2, Capítulo 7; Harper, Volume 3, Capítulo 5; Fontana e Frey, Volume 3, Capítulo 2; Silverman, Volume 3, Capítulo 9), na comunicação (Ellis e Bochner, Volume 3, Capítulo 6) e nos estudos culturais (veja Frow e Morris, no Capítulo 11 deste volume), da análise textual, hermenêutica, feminista, psicanalítica, semiótica e da narrativa no cinema e nos estudos literários (Olesen, no Capítulo 8; Brady, Volume 3, Capítulo 15); da análise de arquivos, da cultura material e histórica e de documentos na história, na biografia e na arqueologia (Hodder, Volume 3, Capítulo 4; Tierney, Volume 2, Capítulo 9); e da análise do discurso e da análise conversacional na medicina, nas comunicações e na educação (Miller e Crabtree, Volume 2, Capítulo 12; Silverman, Volume 3, Capítulo 9).

A diversidade de histórias envolvendo cada método ou estratégia de pesquisa revela como cada prática recebe múltiplos usos e significados. As análises textuais nos estudos literários, por exemplo, muitas vezes tratam os textos como sistemas independentes.

Por outro lado, um pesquisador que adote uma perspectiva dos estudos culturais ou do feminismo interpretará o texto em termos de sua localização dentro de um momento histórico marcado por um gênero, uma raça ou uma ideologia de classe específicos. Um emprego da etnografia voltado para os estudos culturais trataria para o projeto uma série de compreensões do feminismo, do pós-modernismo e do pós-estruturalismo. Essas interpretações não seriam

compartilhadas pelos principais sociólogos pós-positivistas. De um modo semelhante, os historiadores pós-positivistas e pós-estruturalistas trazem diferentes compreensões e empregos para os métodos e as descobertas da pesquisa histórica (Tierney, Volume 2, Capítulo 9). Todas essas tensões e essas contradições ficam evidentes nos capítulos deste volume.

Esses empregos e esses significados múltiplos e isolados dos métodos da pesquisa qualitativa dificultam a tarefa dos pesquisadores de chegarem a qualquer definição essencial do campo, já que este nunca é apenas uma coisa.<sup>10</sup> Ainda assim, para os propósitos deste livro, precisamos estabelecer uma definição. Tomamos emprestada e parafrazeamos a tentativa de Nelson e colaboradores (1992, p. 4) de definir os estudos culturais:

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas. A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna, feminista e crítica. Por outro lado, é atraída a concepções da experiência humana e de sua análise mais restritas à definição positivista, pós-positivista, humanista e naturalista. Além disso, essas tensões podem ser combinadas no mesmo projeto, com a aplicação tanto das perspectivas pós-moderna e naturalista quanto das perspectivas crítica e humanista.

Essa afirmação, um tanto complexa significa que a pesquisa qualitativa, enquanto conjunto de práticas, envolve, dentro de sua própria multiplicidade de histórias disciplinares, tensões e contradições constantes em torno do projeto propriamente dito, incluindo seus métodos e as formas que suas descobertas e suas interpretações assumem. Esse campo estende-se entre todas as disciplinas humanas, atravessando-as, e em alguns casos inclui até mesmo as ciências

físicas. Seus praticantes têm compromissos diversos com as sensibilidades modernas, pós-modernas e pós-experimentais e com as abordagens à pesquisa social que tais sensibilidades implicam.

### As resistências em relação aos estudos qualitativos

As resistências em termos acadêmicos e disciplinares à pesquisa qualitativa ilustram a política implantada nesse campo de discurso. São muitos os desafios à pesquisa qualitativa. Os pesquisadores qualitativos são denominados jornalistas ou cientistas das áreas das *soft sciences*. Seu trabalho é considerado não-científico, ou apenas exploratório, ou sub-jetivo. É chamado de crítica, e não de teoria, ou é interpretado politicamente como uma versão distorcida do marxismo ou do humanismo secular (veja Huber, 1995; Denzin, 1997, p. 258-261).

Essas resistências refletem uma percepção incorreta de que as tradições da pesquisa qualitativa comprometem o pesquisador com uma crítica do projeto positivista ou pós-positivista. Porém, a resistência positivista à pesquisa qualitativa extrapola o "desejo sempre presente de manter uma distinção entre as *hard sciences*" e o saber das *soft sciences*" (Carey, 1989, p. 99; Schwandt, Capítulo 7, no Volume 3, Smith e Deemer, Capítulo 12). As ciências (positivistas) experimentais (física, química, economia e psicologia, por exemplo) são muitas vezes vistas como as grandes façanhas da civilização ocidental, supondo-se, em suas práticas, que a "verdade" possa transcender a opinião e a tendenciosidade pessoal (Carey, 1989, p. 99; Schwandt, 1997b, p. 309). A pesquisa qualitativa é vista como um ataque a essa tradição, cujos adeptos geralmente refugiam-se em um modelo de "ciência objetiva livre de valores" (Carey, 1989, p. 104) para defender sua postura. Raramente tentam explicar, ou criticar, os "compromissos morais e políticos em seu próprio trabalho contingente" (Carey, 1989, p. 104; ver também Lincoln e Guba, no Capítulo 6).

Os positivistas ainda alegam que os chamados novos pesquisadores qualitativos experimentais escrivem ficção, e não ciência, e que tais pesquisadores não dispõem de nenhum método para verificar o que é declarado como verdade. A poesia e a ficção etnográficas indicam o fim da ciência empírica, e há poucas vantagens ao se tentar um envolvimento com a crítica moral. Esses críticos presumem uma realidade estável, imutável, que possa ser estudada com a utilização dos métodos empíricos da ciência social objetiva (Huber, 1995). A competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se. Dentro desse modelo, não existe nenhuma preocupação com o discurso e com o método como práticas interpretativas materiais que constituem a representação e a descrição. Dessa forma, a virada narrativa, textual, é rejeitada pelos positivistas.

O fato de os pós-positivistas (veja a seguir) e os pós-estruturalistas optarem-se à ciência positiva é visto então como um ataque à razão e à verdade. Ao mesmo tempo, o ataque da ciência positivista à pesquisa qualitativa é considerado uma tentativa de legitimar uma versão da verdade acima de outra.

Esse terreno político complexo define a diversidade de tradições e de linhas de desenvolvimento da pesquisa qualitativa: a tradição britânica e sua presença em outros contextos nacionais; as tradições pragmáticas, naturalistas e interpretativas americanas na sociologia, na antropologia, nas comunicações e na educação; as perspectivas estruturais e pós-estruturais, marxistas, semióticas, hermenêuticas, fenomenológicas alemãs e francesas; os estudos feministas, os estudos afro-americanos, os estudos latinos, os estudos *queer*, os estudos das culturas indígenas e aborígenes. A política da pesquisa qualitativa cria uma tensão que invade cada uma dessas tradições citadas acima. Essa tensão propriamente dita é constantemente reexaminada e questionada à medida que a pesquisa qualitativa defronta-se com um mundo histórico inconstante, novas posturas intelectuais e suas próprias condições institucionais e acadêmicas.

Resumindo: a pesquisa qualitativa representa muitas coisas para muitas pessoas. Tem uma dupla essência: um comprometimento com alguma versão da abordagem interpretativa, naturalista, com seu tema e uma crítica contínua da política e dos métodos

### Introdução

do pós-positivismo. Voltaremos nossa atenção agora para uma breve discussão das principais diferenças entre as abordagens qualitativa e quantitativa à pesquisa, para então discutirmos as diferenças e as tensões que ocorrem dentro da investigação qualitativa.

### Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa

A palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. Já os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e de analisar as relações causais entre variáveis, e não processos. Aqueles que propõem esses estudos alegam que seu trabalho é feito a partir de um esquema livre de valores.

### Estilos de pesquisa: Fazendo as mesmas coisas de um modo diferente?

Não há dúvidas de que tanto os pesquisadores qualitativos quanto os quantitativos "imaginam que sabem alguma coisa a respeito da sociedade que vale a pena contar para os outros, e empregam uma variedade de formas, de veículos e de meios de comunicar suas idéias e descobertas" (Becker, 1986, p. 122). A pesquisa qualitativa difere da pesquisa quantitativa em cinco aspectos significativos (Becker, 1996). Esses pontos de divergência giram em torno de diferentes formas de abordar o mesmo conjunto de questões. Sempre retornam à política da pesquisa e a quem tem o poder de legislar as soluções corretas para esses problemas.

*Os usos do positivismo e do pós-positivismo.* Em primeiro lugar, esses duas perspectivas são influenciadas pelas tradições positivistas e pós-positivistas nas ciências físicas e sociais (veja a discussão a seguir).

Essas duas tradições da ciência positivista defendem posturas realistas críticas e ingênuas que dizem respeito à realidade e à sua percepção. Na versão positivista, afirma-se que existe uma realidade lá fora para ser estudada, captada e compreendida, ao passo que os pós-positivistas defendem a idéia de que a realidade nunca pode ser plenamente apreendida, apenas aproximada (Guba, 1990, p. 22). O pós-positivismo conta em múltiplos métodos como forma de captar o máximo possível da realidade. Ao mesmo tempo, a ênfase recai sobre a descoberta e a verificação das teorias. São enfatizados os critérios de avaliação tradicionais, como a validade interna e a externa, assim como o emprego de procedimentos qualitativos que se prestem à análise estruturada (às vezes estatística). Também podem ser empregados métodos de análise que contam com o auxílio computacional, os quais permitem as contagens de frequência, as tabulações e as análises estatísticas em níveis inferiores.

As tradições positivista e pós-positivista estendem-se como longas sombras sobre o projeto da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa foi historicamente definida dentro do paradigma positivista, no qual os pesquisadores qualitativos tentavam realizar uma pesquisa positivista de boa qualidade utilizando métodos e procedimentos menos rigorosos. Alguns pesquisadores qualitativos de meados do século XX (p. ex., Becker, Geer, Hughes e Strauss, 1961) relataram resultados da observação participante em termos de quase-estatística. Recentemente, em 1998, Strauss e Corbin, dois líderes da abordagem tipo *grounded theory* à pesquisa qualitativa tentaram modificar os cânones usuais da boa ciência (positivista) para adequá-los a sua própria concepção pós-positivista de uma pesquisa rigorosa (entretanto, ver Charmaz, Capítulo 8, Volume 2; Glaser, 1992). Alguns pesquisadores na linha da pesquisa aplicada, ao mesmo tempo em que alegavam serem atecóricos, muitas vezes encavavam-se automaticamente dentro do esquema positivista ou pós-positivista.

Flick (1998, p. 2-3) resume de uma maneira eficaz as diferenças entre essas duas abordagens à investigação. Ele observa que a abordagem quantitativa tem sido empregada com a finalidade de isolar "as causas e os efeitos (...) operacionalizando as relações teóricas (...) [e] medindo e (...) quantificando os fenômenos (...) permitindo a generalização das descobertas" (p. 3). Mas, atualmente, esses projetos são postos em dúvida, pois "a mudança social acelerada

e a consequente diversificação dos mundos de vida estão cada vez mais fazendo com que os pesquisadores sociais defrontem-se com novos contextos e novas perspectivas sociais (...) metodologias dedutivas tradicionais (...) estão fracassando (...) e assim a pesquisa é cada vez mais obrigada a utilizar estratégias indutivas em vez de partir de teorias e testá-las (...) o conhecimento e a prática são estudados como conhecimento e prática locais" (p. 2).

Spindler e Spindler (1992) resumem sua abordagem qualitativa para os materiais quantitativos: "A instrumentação e a quantificação são simplesmente procedimentos empregados para ampliar e reforçar certos tipos de dados, interpretações e para testar hipóteses através de amostras. Ambas devem ser mantidas em seu devido lugar. Como um mecanismo de segurança, é preciso evitar seu emprego prematuro ou excessivamente amplo" (p. 69).

Ainda que muitos pesquisadores qualitativos na tradição pós-positivista venham a utilizar as medidas, os métodos e os documentos estatísticos como forma de localizar os grupos de sujeitos dentro de populações mais amplas, raramente relacionam suas descobertas em termos dos tipos de medidas ou métodos estatísticos complexos para os quais os pesquisadores quantitativos são atraídos (ou seja, câmbios, regressão, ou análises log-lineares).

*A abertura das sensibilidades pós-modernas.* O uso dos métodos e das suposições positivistas, quantitativas, foi rejeitado por uma nova geração de pesquisadores qualitativos ligados às sensibilidades pós-estruturalistas e/ou pós-modernas (veja também Vidich e Lyman, no Capítulo 2, e no Volume 3, Richardson, Capítulo 14). Esses pesquisadores argumentam que os métodos positivistas são apenas uma forma de contar histórias sobre a sociedade ou sobre o mundo social. Esses métodos talvez não sejam nem melhores nem piores do que quaisquer outros métodos; eles apenas contam diferentes tipos de histórias.

Nem todos têm essa mesma visão tolerante (Flitber, 1995). Muitos membros das escolas de pensamento da teoria crítica, construtivista, pós-estrutural e pós-moderna rejeitam os critérios positivistas e pós-positivistas ao avaliar seu próprio trabalho. Eles entendem que esses critérios são irrelevantes para seu trabalho e afirmam que tais critérios reproduzem apenas um certo tipo de ciência, uma ciência que silencia um enorme número de vozes. Esses pes-

quisadores procuram métodos alternativos para avaliar seu trabalho, incluindo a verossimilhança, a emocionalidade, a responsabilidade pessoal, uma ética do cuidar, a prática política, os textos de múltiplas vozes e os diálogos com sujeitos. Em resposta a essa questão, os positivistas e os pós-positivistas afirmam que o que eles fazem é uma ciência de boa qualidade, livre da tendenciosidade individual e da subjetividade. Como se pode observar acima, eles vêm no pós-modernismo e no pós-estruturalismo ataques à razão e à verdade.

*Uma forma de captar o ponto de vista do indivíduo.* Tanto os pesquisadores qualitativos quanto os quantitativos preocupam-se com o ponto de vista do indivíduo. No entanto, os investigadores qualitativos imaginam que tenham condições de se aproximar mais da perspectiva do ator através da entrevista e da observação detalhadas. Eles argumentam que os pesquisadores quantitativos raramente conseguem captar as perspectivas dos sujeitos que estudam, pois precisam confiar em materiais e métodos empíricos mais lativos, remotos. Muitos pesquisadores qualitativos consideram não-confiáveis, impressionísticos e não-objetivos os materiais empíricos produzidos pelos métodos interpretativos.

*Um exame das limitações do cotidiano.* É mais provável que os pesquisadores qualitativos venham a enfrentar e a deparar-se com as limitações do mundo social cotidiano. Eles vêm esse mundo em ação e nele inserem suas descobertas. Os pesquisadores quantitativos desviam sua atenção desse mundo e raras vezes estudam-no diretamente. Eles buscam uma ciência nomotética ou ética baseada em probabilidades resultantes do estudo de grandes números de casos selecionados aleatoriamente. Esses tipos de declarações encontram-se acima e fora das limitações da vida cotidiana. Os pesquisadores qualitativos, por outro lado, têm um compromisso com uma postura baseada em casos, idiógráfica, ética, que dirige sua atenção para os aspectos específicos de determinados casos.

*Garantia da riqueza das descrições.* Os pesquisadores qualitativos acreditam que descrições ricas do mundo social são valiosas, ao passo que os pesquisadores quantitativos, com seus compromissos éticos, nomotéticos, preocupam-se menos com esse tipo de

detalhe. Os pesquisadores quantitativos são deliberadamente indiferentes à riqueza das descrições, pois esse tipo de detalhe interrompe o processo de desenvolvimento das generalizações.

Os cinco pontos de divergência descritos anteriormente (usos do positivismo e do pós-positivismo, do pós-modernismo, a forma de captar o ponto de vista do indivíduo, o exame das restrições da vida cotidiana e a garantia das descrições densas) refletem compromissos com diferentes estilos de pesquisa, diferentes epistemologias e diferentes formas de representação. Cada tradição de trabalho é controlada por seu próprio conjunto de gêneros (estilos): cada uma delas tem seus próprios clássicos, suas próprias formas preferenciais de representação, de interpretação de fidedignidade e de avaliação textual (Becker, 1986, p. 134-135). Os pesquisadores qualitativos empregam a prosa etnográfica, as narrativas históricas, os relatos em primeira pessoa, as imagens congeladas, as histórias da vida, os "fatos" transformados em ficção e outros materiais biográficos e autobiográficos, entre outros. Os pesquisadores quantitativos utilizam os modelos matemáticos, as tabelas estatísticas e os gráficos, e geralmente empregam uma prosa impessoal, em terceira pessoa, ao escreverem sobre sua pesquisa.

### As tensões dentro da pesquisa qualitativa

É um erro presumir que todos os pesquisadores qualitativos tenham as mesmas suposições em relação aos cinco pontos de divergência descritos acima. Como revelará a discussão a seguir, as diferenças positivistas, pós-positivistas e pós-estruturalistas definem e influenciam os discursos da pesquisa qualitativa. Os realistas e os pós-positivistas dentro da tradição da pesquisa qualitativa interpretativa criticam os pós-estruturalistas por terem seguido a reinvólta narrativa, textual. Esses críticos sustentam que esse tipo de trabalho é incapaz de enxergar a sua volta, gerando as condições "para um diálogo de surdos entre esse mesmo trabalho e a comunidade" (Silverman, 1997, p. 240). Aqueles que tentam captar o ponto de vista do sujeito em interação no mundo são acusados de um humanismo ingênuo, de reproduzirem "um impulso romântico que eleva o experimental ao nível do autêntico" (Silverman, 1997, p. 248).

Outros ainda argumentam que a experiência vivida é ignorada por aqueles que seguem a virada da

*performance*, textual. Snow e Morril (1995) afirmam que "essa reinvólta da *performance*, assim como a preocupação com o discurso e com a narração de histórias, nos afastará ainda mais do campo da ação social e dos dramas reais da vida cotidiana, anunciando, assim, o fim da etnografia enquanto indiciária empiricamente embasada" (p. 361). É claro que discordamos dessa ideia.

Mundos dessas diferenças entre essas duas tradições, e dentro delas, cabe a nós discutimos brevemente a história da pesquisa qualitativa. Dividimos essa história em sete momentos históricos, atendendo ao fato de que qualquer história é sempre de certa forma arbitrária e, ao menos parcialmente, sempre uma construção social.

### A história da pesquisa qualitativa

Como nos lembram Vidich e Lyman, no Capítulo 2, a história da pesquisa qualitativa revela que as disciplinas das ciências sociais modernas assumiram a missão da "análise e da compreensão da conduta padronizada e dos processos sociais da sociedade". A noção de que essa tarefa poderia ser executada pressupõe a habilidade dos cientistas sociais de observarem o mundo objetivamente. Os métodos qualitativos foram uma das principais ferramentas para essas observações.<sup>11</sup>

Ao longo da história da pesquisa qualitativa, os investigadores sempre definiram seu trabalho em termos de esperanças e valores, "fés religiosas, ideologias ocupacionais e profissionais" (Vidich e Lyman, no Capítulo 2). A pesquisa qualitativa (assim como toda a pesquisa) sempre foi avaliada quanto ao "padrão que define se o trabalho nos comunica ou "diz" algo" (Vidich e Lyman, no Capítulo 2), com base no modo como conceitualizamos nossa realidade e nossas imagens do mundo. A *epistemologia* é a palavra que tem definido historicamente esses padrões de avaliação. Neste período contemporâneo, como afirmamos acima, muitos discursos geralmente aceitos sobre a epistemologia agora estão sendo reavaliados.

A história de Vidich e Lyman abrange os seguintes estágios (de certa forma) sobrepostos: a primeira etnografia (até o século XVII), a etnografia colonial (exploradores dos séculos XVII, XVIII e XIX); a etnografia do índio americano como "outro" (antropologia do final do século XIX e início do século XX);

a etnografia do "outro cívico", ou os estudos da comunidade e as etnografias dos imigrantes americanos (início do século XX até a década de 1960); os estudos da etnicidade e da assimilação (meados do século XX até a década de 1980); e a atualidade, a qual denominamos de *stíthos momenta*.

Em cada uma dessas eras, os pesquisadores foram e continuam sendo influenciados por suas esperanças e ideologias políticas, fazendo descobertas em suas pesquisas que confirmam teorias ou crenças anteriores. Os primeiros etnógrafos confirmaram a diversidade racial e cultural dos povos em todo o globo, e tentaram fazer com que essa diversidade se encaixasse em uma teoria sobre as origens da história, das raças e das civilizações. Antes da profissionalização da etnografia no século XX, os etnógrafos coloniais promoveram um pluralismo colonial que deixou os nativos por sua própria conta desde que seus líderes pudessem ser cooptados pela administração colonial.

Os etnógrafos europeus estudaram os africanos, os asiáticos e outros povos não-brancos do Terceiro Mundo. Os primeiros etnógrafos americanos estudaram o índio americano a partir da perspectiva do conquistador, que via o mundo de vida do primitivo como uma janela para o passado pré-histórico. A missão calvinista de salvar o índio logo foi transferida para a missão de salvar as "hordas" de imigrantes que entravam nos Estados Unidos nos primórdios da industrialização. Os estudos comunitários qualitativos sobre o outro étnico proliferaram a partir do início do século XX até a década de 1960, e incluíram o trabalho de E. Franklin Frazier, Robert Park e de Robert Redfield e seus alunos, bem como de William Foote Whyte, dos Lynds, de August Hollingshead, de Herbert Gans, Stanford Lyman, Arthur Vidich e Joseph Benseman. Os estudos da etnicidade após a década de 1960 contestaram a hipótese do "melting pot" de Park e seus seguidores, e corresponderam ao surgimento dos programas de estudos étnicos que viam os nativo-americanos, os latinos, os afro-americanos e os afro-americanos tentarem assumir o controle sobre o estudo e seus próprios povos.

O desafio pós-moderno e pós-estrutural surgiu em meados dos anos de 1980. Questionou as suposições que haviam organizado essa primeira parte da história em cada um de seus momentos coloniais. Como argumentam Vidich e Lyman no Capítulo 2, a pesquisa qualitativa que atravessa o "divisor de

água pós-moderno" exige "o abandono de todas as teorias e perspectivas e de todos os valores estabelecidos e pré-concebidos (...) e dos preconceitos como recursos para o estudo etnográfico". Nessa nova era, o pesquisador qualitativo faz mais do que observar a história; ele desempenha um papel nessa história. Novas histórias extraídas do campo serão escritas, que refletirão o engajamento direto e pessoal do pesquisador com esse período histórico.

A análise de Vidich e Lyman cobre todo o âmbito da história etnográfica. Já a nossa limita-se ao século XX, complementando muitas de suas divisões. Começamos com o primeiro trabalho fundacionalista dos britânicos e dos franceses e também de Chicago, Columbia, Harvard, Berkeley e das escolas bríticas de sociologia e de antropologia. Esse primeiro período fundacionalista estabeleceu as normas da pesquisa etnográfica e da pesquisa qualitativa clássica (Gupta e Ferguson, 1997; Rosaldo, 1989; Stocking, 1989).

### Os sete momentos da pesquisa qualitativa

Conforme sugerimos anteriormente, nossa história da pesquisa qualitativa na América do Norte neste século divide-se em sete fases, e cada uma delas é descrita a seguir.

#### O período tradicional

Chamamos esse primeiro momento de período tradicional (o qual abrange a segunda e a terceira fases de Vidich e Lyman). Começa no início do século XX, continuando até a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, os pesquisadores qualitativos escreveram relatos coloniais, "objetivos", das experiências de campo que refletiam o paradigma dos cientistas positivistas. Sua preocupação estava em oferecer interpretações válidas, confiáveis e objetivas em seus escritos. O "outro" estudado era estrangeiro, estranho e estranho.

Temos aqui a discussão de Malinowski (1967) sobre as experiências de campo na Nova Guiné e nas Ilhas Trobriand nos anos de 1914 a 1915 e de 1917 a 1918. Ele oferece seus hábitos em troca de dados de campo:

Não há absolutamente nada que me atrairia aos estudos etnográficos (...). De um modo geral, a impressão que tive do povoado foi bastante desfavorável. Notei uma certa desorganização (...) a balbúrdia e a insistência das pessoas que ficaram rindo, olhando e mentindo de certa forma me desestimulou (...). Foi até o povoado na esperança de fotografar alguns estíptos da dança *bura*. Distribuí ramos de tabaco, depois assisti a algumas danças e então tirei algumas fotos — mas tive poucos resultados (...) eles não possavam o tempo necessário para concluir a fotografia. Em alguns momentos fiquei furioso com eles, especialmente quando, depois de eu lhes dar suas porções de tabaco, todos foram embora. (citado em Geertz, 1988, p. 73-74)

Em outro trabalho, esse pesquisador de campo solitário, isolado, frustrado, descreve seus métodos com as seguintes palavras:

Quando se está em campo, é preciso enfrentar uma confusão de fatos (...) nessa forma bruta, esses fatos não são, de forma alguma, científicos; são absolutamente elusivos, e só podem ser determinados pela interpretação (...) *Somentes as leis e as generalizações são fatos científicos*, e o trabalho de campo consiste apenas e exclusivamente na interpretação da realidade social caótica e na sua subordinação a regras gerais. (Malinowski, 1916/1948, p. 328, citado em Geertz, 1988, p. 81)

As observações de Malinowski são provocativas. Por um lado, depreciam o trabalho de campo, porém, por outro, falam desse trabalho dentro da glorificada linguagem da ciência, com leis e generalizações moldadas a partir dessa mesma experiência.

Durante esse período, o pesquisador de campo foi tratado como uma celebridade, transformado em uma figura exagerada que ia para o campo e dele retornava trazendo histórias sobre pessoas estranhas. Rosaldo (1989, p. 30) descreve esse período como o do Etnógrafo Solitário, a história de um homem cientista que parte à procura do nativo que irá estudar em um país distante. Lá essa figura "encontrou o objeto de sua busca (...) [e] enfrentou seu ritual de passagem suportando a provação definitiva do "trabalho de campo" (p. 30). Após retornar para casa com seus dados, o Etnógrafo Solitário redigiu um relato

objetivo da cultura estudada. Esses relatos foram estruturados pelas normas da etnografia clássica. Essa coleção sagrada de termos (Rosaldo, 1989, p. 31) organizou os textos etnográficos como quatro crenças e compromissos: um compromisso em relação ao objetivismo, uma complexidade com o imperialismo, uma crença no monumentalismo (a etnografia cria um retrato como o de um museu para registrar a cultura estudada) e uma crença no intemporal (o que foi estudado nunca mudará). O outro era um "objeto" a ser mantido em um arquivo. Esse modelo do pesquisador, o qual também podia escrever teorias complexas, densas, sobre o que era estudado ainda existe nos dias de hoje.

O mito do Etnógrafo Solitário retrata o nascimento da etnografia clássica. Os textos de Malinowski, Radcliffe-Brown, Margaret Mead e Gregory Bateson ainda são cuidadosamente examinados em relação às informações que podem passar ao novo quanto às formas de conduzir o trabalho de campo, de registrar as notas de campo e de escrever a teoria. Hoje essa imagem se quebrou. Muitos enxergam os trabalhos dos etnógrafos clássicos como relíquias do passado colonial (Rosaldo, 1989, p. 44). Embora muitos sintam uma nostalgia por esse passado, outros celebram sua passagem. Rosaldo (1989) cita Cora Du Bois, uma professora aposentada de antropologia da Harvard, que lamentou essa passagem em uma conferência realizada em 1980, que refletia sobre a crise na antropologia: "Sinto que há uma distância em relação à complexidade e à desordem do que antes eu considerava uma disciplina justificável e contestadora (...). É como deixar um famoso museu de arte para ir para um bazar de garagem" (p. 44).

Para Du Bois, as etnografias clássicas são peças do intemporal acervo de arte mantido por um museu. Ela se sente desconfortável no caos do bazar de garagem. Já Rosaldo (1989) volta-se para esta metáfora: "O bazar de garagem oferece uma imagem precisa da situação pós-colonial na qual os artefatos culturais circulam entre lugares improváveis, e nada é sagrado, permanentemente, ou lacrado. A imagem da antropologia como um bazar de garagem representa nossa atual situação global" (p. 44). Na verdade, muitos recursos valiosos podem ser encontrados, havendo o desejo de se realizar uma longa e árdua busca em lugares insperados. Os velhos padrões não mais se mantêm. As etnografias não produzem verdades

intemporalis. O compromisso com o objetivismo agora foi posto em dúvida. Hoje, contrasta-se abertamente a complexidade com o imperialismo, e a crença no monumentalismo perence ao passado.

Os legados deste primeiro período começam no final do século XIX, quando o romance e as ciências sociais passaram a se distinguir como sistemas isolados de discurso (Clough, 1992, p. 21-22; veja também Clough, 1998). No entanto, a escola de Chicago, com sua ênfase sobre a história de vida e o modo de abordar os materiais etnográficos retratando detalhes da vida real, procurou desenvolver uma metodologia interpretativa que mantivesse a centralidade da abordagem da história da vida narrada. Esse fato levou à produção de textos que conferiam ao pesquisador no papel de autor o poder de representar a história do sujeito. Escritos sob o manto do realismo social livre de sentimentos, direto, esses textos utilizavam a linguagem das pessoas simples. Eles articularam uma versão do naturalismo literário feita pela ciência social, que muitas vezes produziu a agradável ilusão de encontrar soluções para problemas sociais. Assim como os filmes que retratavam a delinquência juvenil da era da Depressão e outros "problemas sociais" (Roffman e Purdy, 1981), esses relatos romantizaram o sujeito. Transformaram o desviado em uma versão sociológica de um herói das ruas. Essas histórias sociológicas, assim como seus equivalentes cinematográficos, geralmente tinham finais felizes ao acompanharem os indivíduos por meio dos três estágios da narrativa da moralidade clássica: estar em um estado de graça, ser seduzido pelo mal e a ele sucumbir e, por fim, alcançar a redenção através do sofrimento.

### A fase modernista

A fase modernista, ou segundo momento, baseia-se nos trabalhos canônicos do período tradicional. Ainda são valorizados o realismo social, o naturalismo e as etnografias que expõem detalhes da vida real. Essa fase estendeu-se ao longo dos anos do pós-guerra até a década de 1970, estando ainda presente no trabalho de muitos (para resenhas, ver Wolcott, 1990, 1992, 1995; ver também Tedlock, Capítulo 6, Volume 2). Nesse período, muitos textos buscaram formalizar os métodos qualitativos (Bogdan e Taylor, 1975; Cicourel, 1964; Filstead, 1970; Glaser e Strauss, 1967; Lofland, 1971, 1995; Lofland e Lofland, 1984,

1995; Taylor e Bogdan, 1998).<sup>12</sup> O etnógrafo modernista e o observador participante sociológico fizeram experiências com rigorosos estudos qualitativos de importantes processos sociais, incluindo o devoto e o controle social em sala de aula e na sociedade. Foi um momento de efervescência criativa.

Nas disciplinas humanas, uma nova geração de alunos de graduação encontrou novas teorias interpretativas (etnometodologia, fenomenologia, teoria crítica, feminismo). Eles foram atraídos para as práticas da pesquisa qualitativa as quais permitiriam-lhes dar uma voz à classe baixa da sociedade. O pós-positivismo funcionou como um poderoso paradigma epistemológico. Os pesquisadores tentaram encaixar o modelo de Campbell e Stanley (1963) da validade interna e externa às concepções construcionistas e interacionistas do ato da pesquisa. Eles retornaram aos textos da escola de Chicago como fontes de inspiração (Denzin, 1970, 1978).

*Boys in white* continua sendo um texto canônico desse momento (Becker et al., 1961; Becker, 1998). Firmemente entrenchado no discurso metodológico de meados do século XX, esse trabalho tentou tornar a pesquisa qualitativa tão rigorosa quanto sua equivalente quantitativa. As narrativas causais ocuparam papel central nesse projeto. Esse trabalho que reúne múltiplos métodos combinou entrevistas abertas e quase-estruturadas com a observação participante e a análise estatística padronizada. Em um artigo clássico, "Problems of Inference and Proof in Participant Observation" (Os problemas da inferência e da prova na observação participante), Howard S. Becker (1958/1970) descreve o uso da quase-estatística:

Houve momentos em que as observações participantes foram reunidas em um molde padronizado capaz de ser transformado em dados estatísticos legítimos. Porém, as exigências do campo geralmente impedem que se colte dados de forma a ir ao encontro das suposições dos testes estatísticos, de modo que o observador entregue-se a chamada "quase-estatística". Suas conclusões, embora implicitamente numéricas, não exigem uma quantificação precisa. (p. 31)

Na análise dos dados, observa Becker, o pesquisador qualitativo toma como exemplo os colegas da estatística. O pesquisador procura probabilidades ou

um apoio aos argumentos que dizem respeito ao que se espera quanto a efetiva aplicação da conclusão em uma situação específica, e à frequência com que ela se aplica (Becker, 1998, p. 166-170). E assim, o trabalho no período modernista, de fato, revestiu-se da linguagem e da retórica do discurso positivista e pós-positivista.

Essa foi a era dourada da análise qualitativa rigorosa, que na sociologia aparece encerrada por parênteses de um lado por *Boys in white* (Becker et al., 1961) e de outro por *The discovery of grounded theory* (Glaser e Strauss, 1967). Na educação, a pesquisa qualitativa desse período foi definida por George e Louise Spindler, Jules Henry, Harry Wolcott e John Singleton. Essa forma de pesquisa qualitativa ainda está presente no trabalho de pessoas como Strauss e Corbin (1998) e Ryan e Bernard (ver Capítulo 7, Volume 3).

A "era dourada" referiu o retrato dos pesquisadores qualitativos como românticos culturais. Imbutidos de poderes humanos prometéicos, eles heróizaram os vilões e os *antípodas*, considerando-os heróis da sociedade dominante. Incorporaram uma crença na contingência do eu e da sociedade, e mantiveram-se fiéis aos ideais emancipatórios pelos quais "o indivíduo vive e morre". Colocaram em ordem uma visão trágica e muitas vezes irônica da sociedade e do eu, e aderiram a uma longa linha de românticos culturais de esquerda que incluiu Emerson, Marx, James, Dewey, Gramsci e Martin Luther King, Jr. (West, 1989, Capítulo 6).

A medida que esse momento vai chegando ao fim, a Guerra do Vietnã já se fazia presente em toda a sociedade americana. Em 1969, ao lado dessas correntes políticas, Herbert Blumer e Everett Hignes encontraram-se com um grupo de jovens sociólogos chamado de os "irregulares de Chicago", nas reuniões da American Sociological Association realizadas em San Francisco, e com eles lembraram seus "tempos de Chicago". Lyn Lofland (1980, p. 253) descreve as reuniões de 1969 como um

momento de efervescência criativa — em termos políticos e de estudos. As reuniões de San Francisco testemunharam não apenas o evento Blumer-Hignes, mas uma "contra-revolução" (...) quando, pela primeira vez, um grupo chegou a (...) discutir os problemas inerentes à condução de sociólogo e de imigrante (...). parecia que havia literalmente uma explosão de novas idéias nessa disciplina: teoria da

rotulação, etnometodologia, teoria do conflito, fenomenologia, análise dramaturgica.

E assim acabou a fase modernista.

### Gêneros (estilos) obscuros

No início do terceiro estágio (1970-1980), o qual denominamos o momento dos gêneros (estilos) obscuros, os pesquisadores qualitativos já haviam esgotado a cota de paradigmas, métodos e estratégias a ser empregada em sua pesquisa. As teorias variavam do interacionismo simbólico ao construtivismo, passando pela investigação naturalista, a etnometodologia, a teoria crítica, a teoria neomarxista, a semiótica, o estruturalismo, o feminismo e diversos paradigmas racial/étnicos. Crescia a reputação da pesquisa qualitativa aplicada, e a política e a ética da pesquisa qualitativa — implicada como estavam em várias aplicações desse trabalho — eram tópicos que despertavam um interesse considerável. As estratégias de pesquisa e os formatos de relatório de pesquisa variavam da *grounded theory* ao estudo de caso e aos métodos de pesquisa histórica, biográfica, etnográfica, clínica e de pesquisa-ação. Também havia diversas formas disponíveis de coleta e de análise de materiais empíricos, incluindo as entrevistas qualitativas (abertas e quase-estruturadas) e os métodos observacionais, visuais, da experiência pessoal e documentários. Os computadores começaram a ser empregados atingindo seu pleno desenvolvimento na década seguinte como ferramentas de auxílio à análise dos dados qualitativos, ao lado da narrativa, do conteúdo e dos métodos semióticos de leitura das entrevistas e dos textos culturais.

Dois livros de Geertz, *The interpretation of culture* (1973) e *Local knowledge* (1983) definiram o início e o final desse momento. Nessas duas obras, Geertz defendeu a ideia de que as velhas abordagens funcionais, positivistas, comportamentais, totalizadoras às disciplinas humanas estavam cedendo lugar a uma perspectiva mais pluralista, interpretativa, aberta. Essa nova perspectiva tomou como ponto de partida as representações culturais e seus significados. Em um apelo pelas "descrições densas" de certos eventos, rituais e costumes, Geertz sugeriu a ideia de que todos os escritos antropológicos são interpretações de interpretações.<sup>13</sup> O observador não tem nenhuma voz

privilegiada nas interpretações que são escritas. A tarefa central da teoria é chegar à compreensão a partir de uma situação local.

Geertz chegou a propor que os limites entre as ciências sociais e as humanidades agora voltavam sua atenção às humanidades em busca de modelos, teorias e de métodos de análise (semiótica, hermenêutica). O que estava ocorrendo era uma forma de diáspora dos gêneros: documentários sendo interpretados como ficção (Maier), parábolas que se fazem passar por etnografias (Castañeda), tratados teóricos que parecem diários de viagem (Lévi-Strauss). Ao mesmo tempo, surgiam mais outras abordagens: o pós-estruturalismo (Barthes), o neopositivismo (Phillips), o neomarxismo (Althusser), o descritivismo (micro-macro) (Geertz), as teorias rituais do drama e da cultura (V. Turner), o desconstrucionismo (Derrida), a etnometodologia (Garfinkel). A era dourada das ciências sociais havia acabado e uma nova era dos gêneros interpretativos, obscuros, já se aproximava. O ensaio como forma de arte substitua o artigo científico. No momento, o que está em questão é a presença do autor no texto interpretativo (Geertz, 1988). Como é possível o pesquisador falar com autoridade em uma era na qual não mais existe nenhuma regra estabelecida no que diz respeito ao texto, incluindo o lugar do autor neste, seus padrões de avaliação e seu tema?

Nesse período, os paradigmas naturalistas, pós-positivistas e construcionistas ganharam força, especialmente na educação, nas obras de Harry Wolcott, Frederick Erickson, Egon Guba, Yvonna Lincoln, Robert Stake e Elliot Eisner. Até o final da década de 1970, já havia diversos periódicos qualitativos, incluindo *Urban Life and Culture* (atual *Journal of Contemporary Ethnography*), *Cultural Anthropology*, *Anthropology and Education Quarterly*, *Qualitative Sociology* e *Symbolic Interaction*, bem como a série de livros *Studies in Symbolic Interaction*.

### A crise da representação

Em meados dos anos de 1980, ocorre uma profunda ruptura. O que denominamos de quarto momento, ou crise da representação, aparece com *Anthropology as cultural critique* (Marcus e Fischer, 1986), *The anthropology of experience* (Turner e Bruner, 1986), *Writing culture* (Clifford e Marcus, 1986), *Works and Lines* (Geertz, 1988) e *The predicament of culture*

(Clifford, 1988). Essas obras tornaram a pesquisa e a redação mais reflexivas, e colocaram em dúvida as questões do gênero, da classe e da raça. Articulariam as consequências da interpretação "gêneros obscuros" de Geertz para o campo no início da década de 1980.<sup>14</sup>

Novos modelos de verdade, de método e de representação foram buscados (Rosaldo, 1989). Houve um completo desgaste das normas clássicas na antropologia (objetivismo, simplicidade em relação ao colonialismo, vida social estruturada por rituais e costumes fixos, etnografias como monumentos para uma cultura) (Rosaldo, 1989, p. 44-45; Jackson, 1998, p. 7-8). As epistemologias críticas, feministas e não-brancas agora competiam por atenção nessa arena. Questões como a validade, a confiabilidade e a objetividade, que anteriormente eram consideradas estáveis, mais uma vez passaram a ser problemáticas. As teorias do padrão e as teorias interpretativas, em oposição às teorias lineares, causais, tornaram-se mais comuns à medida que os autores continuaram a contestar antigos modelos de verdade e de significado (Rosaldo, 1989).

Em seu trabalho de campo entre os Songhay do Níger, Stoller e Olkes (1987, p. 227-229) descrevem como a crise da representação foi sentida. Stoller faz a seguinte observação: "Quando comecei a escrever textos antropológicos, seguiu as convenções de meu treinamento. 'Colete dados' e uma vez que estes estivessem organizados em pilhas bem definidas, eu os registrava'. Certa vez, eu reduzi os insultos dos Songhay a uma série de fórmulas claras e lógicas" (p. 227). Stoller ficou insatisfeito com essa forma de escrever em parte porque aprendeu que "todos tinham mentido para mim e (...) que os dados que eu havia me emeterado tanto para coletar eram inúteis. Aprendi uma lição: os informantes geralmente mentem para os antropólogos" (Stoller e Olkes, 1987, p. 9). Essa descoberta levou a uma segunda descoberta — de que ele, ao seguir as convenções do realismo etnográfico, omitiu sua presença em seu texto. Essa postura o fez produzir um tipo diferente de texto, uma memória, na qual ele tornou-se personagem principal da história que contou. Essa história, um relato de suas experiências no mundo dos Songhay, transformou-se em uma análise do choque entre seu mundo e o mundo da ficção dos Songhay. Logo, a jornada de Stoller representa uma tentativa de confrontar a crise da representação no quarto momento.

Clough (1992) descreve em detalhes essa crise e critica aqueles que argumentariam que novas formas de redação representam um caminho para sair da crise. Ela afirma:

Embora muitos sociólogos que agora fazem comentários sobre a crítica da etnografia enxerguem na redação um ponto "completamente central para a iniciativa etnográfica" (Van Maanen, 1988, p. xii), os problemas da redação ainda são considerados diferentes dos problemas do método ou do próprio trabalho de campo. Assim, a solução que geralmente se oferece é a das experiências na redação, ou seja a auto-consciência em relação à redação. (p. 136)

É necessário analisar essa insistência quanto à diferença entre a redação e o trabalho de campo. (Richardson é bastante articulado em relação a esse tema no Capítulo 14 do Volume 3.)

Na redação, o pesquisador de campo reivindica a autoridade moral e científica, o que permite aos textos etnográficos realistas e experimentais funcionarem como fontes de validação para uma ciência empírica. Eles mostram que o mundo da verdadeira experiência vivida ainda pode ser aprendido, ao menos nas memórias do escritor, nas experiências ficcionais, ou nas leituras dramáticas. Porém, esses trabalhos correm o risco de afastar a atenção das formas pelas quais o texto constrói indivíduos situados sexualmente em um campo de diferença social. Também perpetuam a "hegemonia da ciência empírica" (Clough, 1992, p. 8), já que essas novas tecnologias de redação do sujeito transformam-se no terreno "para a produção do conhecimento poder (...) falhando ao (...) exo capital/Estado" (Aronowitz, 1988, p. 300; citado em Clough, 1992, p. 8). Esse tipo de experiência primeiro depara-se com a diferença entre a ciência empírica e a crítica social, e depois atenta-se dessa diferença. Muitas vezes, deixa de envolver-se plenamente em uma nova política da textualidade que "rejeitaria a identidade da ciência empírica" (Clough, 1992, p. 135). Essa nova crítica social "interfere na relação da economia da informação, da política do Estado-nação e das tecnologias de comunicação em massa, especialmente em termos das ciências empíricas" (Clough, 1992, p. 16). E esse terreno, sem dúvida, é ocupado pelos estudos culturais.

Richardson (Volume 3, Capítulo 14), Tedlock (Volume 2, Capítulo 6), Brady (Volume 3, Capítulo

15) e Ellis e Bocner (Volume 3, Capítulo 6) desenvolvem os argumentos expostos acima, examinando a redação como um método de investigação que se desloca por meio de estágios sucessivos de autorreflexão. Como uma série de representações escritas, os textos do pesquisador de campo fluem da experiência de campo, passando por trabalhos intermediários, até o trabalho mais recente, chegando, por fim, ao texto da pesquisa, que consiste na apresentação pública da experiência etnográfica e narrativa. Assim, perde-se a nitidez entre o que é trabalho de campo e o que é redação. Em última análise, não existe nenhuma diferença entre a redação e o trabalho de campo. Essas duas perspectivas invadem-se ao longo de cada capítulo destes volumes. Nesses aspectos, a crise da representação desloca a pesquisa qualitativa para novas e críticas direções.

### Uma tripla crise

Atualmente, a autoridade do etnógrafo continua sendo atacada (Behar, 1995, p. 3; Gupta e Ferguson, 1997, p. 16; Jackson, 1998; Ortner, 1997, p. 2). Os pesquisadores qualitativos deformam-se com uma tripla crise de representação, legitimação e práxis nas disciplinas humanas: Implantadas nos discursos do pós-estruturalismo e do pós-modernismo (Vaidich e Lyman, no Capítulo 2; e Richardson, Capítulo 14, Volume 3), essas três crises são codificadas em múltiplos termos, possuindo múltiplas denominações e associações com as reivindicações crítica, interpretativa, linguística, feminista e rítmica na teoria social, as quais problematizam duas suposições essenciais da pesquisa qualitativa. A primeira, de que os pesquisadores qualitativos não podem mais captar diretamente a experiência vivida. Essa experiência, acreditada-se, é criada no texto social escrito pelo pesquisador. Esta é a crise representacional, a qual defronta-se com o inescapável problema da representação, porém assim o faz dentro de uma esquema que problematiza o elo direto entre a experiência e o texto.

A segunda suposição torna problemáticos os critérios tradicionais para a avaliação e a interpretação da pesquisa qualitativa. Esta é a crise da legitimação, que envolve uma séria reconsideração de termos como a validade, a capacidade de generalização e a confiabilidade, termos que já foram revalorizados nos discursos pós-positivistas (Hammersley, 1997), construcionistas-naturalistas (Guba e Lincoln, 1989, p. 163-

183), feministas (Olesen, Capítulo 8), interpretativos (Denzin, 1997), pós-estruturalistas (Lather, 1993; Lather e Smithies, 1997) e críticos (Kincheloe e McLaren, Capítulo 10). Essa crise propõe a seguinte pergunta: como os estudos qualitativos devem ser avaliados no momento contemporâneo, pós-estrutural? As duas primeiras crises influenciaram a terceira, a qual questiona se é possível realizar mudanças no mundo se a sociedade é apenas e sempre um texto? É evidente que essas crises entrecruzam-se e confundem-se, assim como as soluções para as questões que elas suscitam (Schwandt, Capítulo 7; Ladson-Billings, Capítulo 9; e no Volume 3, Smith e Decner, Capítulo 12).

O quinto momento, o período pós-moderno da redação etnográfica experimental, empenhou-se em entender essas crises. Foram exploradas novas formas de compor a etnografia (Ellis e Bodner, 1996). As teorias passaram a ser interpretadas como narrativas do campo. Os autores empenharam-se de diferentes maneiras para representar o "outro", ainda que agora novos interesses representacionais os acompanhassem (Fine et al., Capítulo 4). De grupos anteriormente silenciados, surgiram epistemologias trazendo soluções para esses problemas. Abandonou-se o conceito do observador distante. No horizonte, delinearam-se os contornos de uma pesquisa mais voltada para a ação para a participação e para o ativismo. A busca pelas grandes narrativas está sendo substituída por teorias mais locais, de pequena escala, que se ajustam a problemas específicos e a situações particulares.

Estamos entrando no sexto momento (pós-experimental) e no sétimo (o futuro). Hoje as etnografias ficcionais, a poesia etnográfica e os textos de multimídia são incontáveis. Os autores pós-experimentais procuram vincular seus escritos às necessidades de uma sociedade democrática livre. As exigências de uma ciência social qualitativa sagrada e moral vêm sendo efetivamente exploradas por inúmeros autores recentes provenientes de várias disciplinas diferentes (Jadsson, 1998; Lincoln e Denzin, Capítulo 6).

## Uma leitura da história

A partir desse breve período da história, tiramos quatro conclusões — observando que estamos diante de uma história de certa forma arbitrária, assim como o são todas as histórias. Primeiro, cada um dos

momentos históricos anteriores ainda está em ação nos dias de hoje, seja na forma de um legado ou como um conjunto de práticas que os pesquisadores continuam a seguir ou a contestar. As múltiplas e fragmentadas histórias da pesquisa qualitativa agora possibilitam que qualquer pesquisador vincule um projeto a um texto canônico de qualquer um dos momentos históricos descritos acima. Múltiplos critérios de avaliação tentam chamar a atenção neste campo (Lincoln, no prelo). Segundo, o campo da pesquisa qualitativa agora caracteriza-se por um embaraço de opções. Nunca houve tantas estratégias de investigação, tantos paradigmas, ou métodos de análise, para os pesquisadores utilizarem. Terceiro, estamos em um momento de descoberta e de redescoberta, à medida que se debatem e se discutem novas formas de observar, de interpretar, de argumentar e de escrever. Quarto, o ato da pesquisa qualitativa não pode mais ser visto a partir de dentro de uma perspectiva positivista neutra ou objetiva. A classe, a raça, o gênero e a etnicidade influenciam o processo de investigação, fazendo da pesquisa um processo multicultural. E é para esse tópico que agora voltamos nossa atenção.

## A pesquisa qualitativa enquanto processo

Três atividades genéricas, interligadas, definem o processo da pesquisa qualitativa. Elas seguem uma variedade de rútilos diferentes, incluindo os de *terapia, método, análise, ontologia, epistemologia e metodologia*. Por trás desses termos, está a biografia pessoal do pesquisador, o qual fala a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica. Esse pesquisador marcado pelo gênero, situado em múltiplas culturas, aborda o mundo com um conjunto de idéias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) que ele então examina em aspectos específicos (metodologia, análise). Ou seja, o pesquisador coleta materiais empíricos que tenham ligação com a questão, para então analisá-los e escrever a seu respeito. Cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta que configura, em seu modo especial, os componentes multiculturais marcados pelo gênero, do ato da pesquisa.

Neste volume, trataremos dessas atividades genéricas em cinco tópicos, ou fases: o pesquisador e o

pesquisado como sujeitos multiculturais, os principais paradigmas e as perspectivas interpretativas, as estratégias de pesquisa, os métodos de coleta e de análise dos materiais empíricos, além da arte, das práticas e das políticas de interpretação. Por trás de cada uma dessas fases e dentro delas, está o pesquisador situado biograficamente. Esse indivíduo entra no processo de pesquisa a partir de dentro de uma comunidade interpretativa. Essa comunidade possui suas próprias tradições históricas de pesquisa, as quais compõem um ponto de vista distinto. Essa perspectiva leva o pesquisador a adotar determinadas visões do "outro" que é estudado. Ao mesmo tempo, a política e a ética da pesquisa também devem ser consideradas, já que essas preocupações permeiam cada fase do processo de pesquisa.

## O outro enquanto sujeito de pesquisa

Desde seu surgimento na forma interpretativa, moderna, no início do século XX, a pesquisa qualitativa tem sido assombrada por um fantasma de duas caras. Por um lado, os pesquisadores qualitativos supunham que os observadores competentes, qualificados, pudessem relatar com objetividade, com clareza e precisão suas próprias observações do mundo social, incluindo as experiências dos outros. Em segundo lugar, os pesquisadores mantiveram-se fiéis à crença em um sujeito real, ou em um indivíduo real, que está presente no mundo e que, de certa forma, tem a habilidade de relatar suas experiências. Muitos desses idéias, os pesquisadores puderam misturar suas próprias observações com os auto-relatos fornecidos pelos sujeitos através de entrevistas e da história de vida, da experiência pessoal, do estudo de caso e de outros documentos.

Essas duas crenças levaram pesquisadores qualitativos de várias disciplinas a buscarem um método que lhes permitisse fazer um registro preciso de suas próprias observações ao mesmo tempo em que revelavam os significados que seus sujeitos traziam para suas experiências de vida. Esse método confiava nas expressões escritas e verbais subjetivas do significado do trazidas pelos indivíduos estudados como janelas que se abrem para a vida íntima dessas pessoas. Desde Dilthey (1900-1976) que essa busca por um método nas disciplinas humanas tem levado a um foco

perene sobre os métodos interpretativos, qualitativos.

Recentemente, conforme se observou acima, essa postura e suas crenças foram atacadas. Os pós-estruturalistas e os pós-modernistas contribuíram para a compreensão de que não existe nenhuma janela transparente de acesso à vida íntima de um indivíduo. Qualquer olhar sempre será filtrado pelas lentes da linguagem, do gênero, da classe social, da raça e da etnicidade. Não existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado — e entre esses mundos. Os sujeitos, ou indivíduos, dificilmente conseguem fornecer explicações completas de suas ações ou intenções; tudo o que podem oferecer são relatos, ou histórias, sobre o que fizeram e por que o fizeram. Nenhum método é capaz de compreender todas as variações sutis na experiência humana contínua. Conseqüentemente, os pesquisadores qualitativos empregam efetivamente uma ampla variedade de métodos interpretativos investigados, sempre em busca de melhores formas de tornar mais compreensíveis os mundos da experiência que estudam.

A Tabela 1.1 representa as relações que vemos entre as cinco fases que definem o processo de pesquisa. Por trás de praticamente todas essas fases, está o pesquisador situado biograficamente. Esses cinco níveis de atividade, ou de prática, introduzem-se gradativamente por meio da biografia do pesquisador. Comparemos a estudá-las brevemente aqui; discutiremos essas fases em mais detalhes nas introduções de cada parte deste volume.

### Fase 1: O pesquisador

As observações que expusimos acima indicam a profundidade e a complexidade das perspectivas da pesquisa qualitativa tradicional e aplicada nas quais ingressa um pesquisador socialmente situado. Essas tradições situam o pesquisador na história, no passado e ao mesmo tempo restringindo o trabalho a ser feito em cada estudo específico. A diversidade e o conflito sempre caracterizaram esse campo, e constituem suas tradições mais duradouras (ver Greenwood e Levin, no Capítulo 3 deste volume). Portador dessa história complexa e contraditória, o pesquisador também deve definir-se com a ética e a política da pesquisa (Christians, no Capítulo 5). A era da investigação livre de valores para as disciplinas humanas

TABELA 1.1 O processo de pesquisa

Fase 1: O pesquisador como sujeito multicultural	concepções do eu e do outro	ética e política da pesquisa
Fase 2: Paradigmas e perspectivas teóricas	positivismo, pós-positivismo	interpretativismo, construtivismo, hermenêutica (feminismo)
	discursos radicalizados	teoria crítica e modelos marxistas
	modelos de estudos culturais	teoria queer
Fase 3: Estratégias de pesquisa	planejamento do estudo	estudo de caso
	etnografia, observação participante, etnografia da performance	fenomenologia, etnometodologia
	<i>grounded theory</i>	história da vida, <i>testimonio</i>
	método histórico	pesquisa-ação e pesquisa aplicada
Fase 4: Métodos de coleta e de análise	entrevistas	observação
	arquivos, documentos e registros	métodos visuais
	auto-etnografia	métodos de controle de dados
	análise auxiliada por recursos computacionais	análise textual
	grupos focais	etnografia aplicada
Fase 5: A arte, as práticas e a política da interpretação e da apresentação	critérios para julgar a adequação	práticas e políticas da interpretação
	redação como interpretação	análise de políticas
	tradições de análise	pesquisa aplicada

acabou (ver Vidich e Lyman, Capítulo 2 e Fine et al., Capítulo 4). Hoje, os pesquisadores lutam para desenvolver a ética situacional e transicional aplicável a todas as formas do ato da pesquisa e às suas relações de ser humano a ser humano.

## Fase 2: Paradigmas interpretativos

Todos os pesquisadores qualitativos são filósofos no "sentido" universal de que todos os seres humanos (...) são guiados por princípios extremamente abstratos" (Bateson, 1972, p. 320). Esses princípios combinam crenças sobre ontologia (Que tipo de ser

é o ser humano? Qual é a natureza da realidade?), epistemologia (Qual a relação existente entre o investigador e o conhecido) e metodológica (Como conhecemos o mundo, ou adquirimos conhecimento ao seu respeito?) (ver Guba, 1990, p. 18; Lincoln e Guba, 1985, p. 14 e 15; ver também Lincoln e Guba, Capítulo 6). Essas crenças influenciam o modo como o pesquisador qualitativo observa o mundo e define o "pesquisador" que "preso dentro de uma rede de premissas epistemológicas e ontológicas, as quais — independente da verdade suprema ou da falsidade — tornam-se parcialmente autovalidadoras" (Bateson, 1972, p. 314).

A rede que contém essas premissas epistemológicas, ontológicas e metodológicas do pesquisador, pode ser denominada *paradigma*, ou esquerda interpretativa, um "conjunto básico de crenças que orientam a ação" (Guba, 1990, p. 17). Toda a pesquisa é interpretativa; é guiada por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado. Algumas crenças podem ser inconstruídas, invisíveis, apenas supostas, ao passo que outras são extremamente problemáticas e controversas. Cada paradigma interpretativo exige esforços específicos do pesquisador, incluindo as questões que ele propõe e as interpretações que traz para elas.

Simplificando ao máximo, são quatro os principais paradigmas interpretativos que estruturam a pesquisa qualitativa: positivista e pós-positivista, construtivista-interpretativo, crítico (marxista, emancipatório) e feminista-pós-estrutural. Esses quatro paradigmas abstratos ganham maior complexidade no nível de comunidades interpretativas específicas concretas. Nesse nível, é possível identificar não apenas o paradigma construtivista, mas também múltiplas versões do feminismo (étnico-cêntrico e pós-estrutural)<sup>15</sup>, bem como de paradigmas específicos étnicos, marxistas e dos estudos culturais. A Parte II deste volume examina essas perspectivas ou esses paradigmas.

Os paradigmas examinados na Parte II deste volume funcionam em oposição aos modelos positivistas e pós-positivistas, e ao lado desses modelos (e alguns dentro desses modelos). Todos eles trabalham dentro de ontologias relativistas (múltiplas realidades construídas), de epistemologias interpretativas (o conhecedor e o conhecido interagem e influenciam-se mutuamente) e de métodos interpretativos, narrativos e falistas.

## Introdução

A Tabela 1.2 apresenta esses paradigmas e suas suposições, incluindo seus critérios para avaliar a pesquisa, e a forma que uma declaração interpretativa ou teórica geralmente assume em cada paradigma. Esses paradigmas são explorados em muitos detalhes na Parte II por Lincoln e Guba (Capítulo 6), Schwandt (Capítulo 7), Olesen e McLaren (Capítulo 8), Billing (Capítulo 9), Kincheloe e McLaren (Capítulo 10), Frow e Morris (Capítulo 11) e Ganson (Capítulo 12). Já discutimos os paradigmas positivistas e pós-positivistas. Eles funcionam a partir de uma ontologia realista e crítico-realista e de epistemologias objetivistas, e dependem de metodologias qualitativas experimentais, quase-experimentais, de levantamentos e rigorosamente definidas. Ryan e Bernard (Capítulo 7, Volume 3) desenvolvem elementos desse paradigma.

O paradigma construtivista supõe uma ontologia relativista (existem realidades múltiplas), uma epistemologia subjetivista (o conhecedor e o entrevistado

do trabalham juntos na criação das compreensões) e um conjunto naturalista (no mundo natural) de procedimentos metodológicos. As descobertas são normalmente apresentadas como critérios da *grounded theory* ou das teorias do padrão (Lincoln e Guba, Capítulo 6; no Volume 2, Charmaz, Capítulo 8; e no Volume 3, Ryan e Bernard, Capítulo 7). Temos como credibilidade, transferibilidade, confiança e confiabilidade substituem os critérios positivistas usuais da validade interna e externa, da confiabilidade e da objetividade.

Os estudos feministas, étnicos, marxistas e culturais e os modelos da teoria *queer* privilegiam uma ontologia materialista-realista; ou seja, o mundo real faz uma diferença material em termos de raça, de classe e de gênero. Também são empregadas epistemologias subjetivistas e metodologias naturalistas (geralmente etnográficas). Os materiais empíricos e os argumentos teóricos são avaliados quanto às suas implicações emancipatórias. Talvez apliquem-se cri-

TABELA 1.2 Paradigmas interpretativos

Paradigma/ teoria	Críticos	Forma de teoria	Tipo de narração
Positivista/ pós-positivista	validade interna/ externa	embasada na lógica e na dedução	relatório científico
Construtivista	fidedignidade, credibilidade, transferibilidade, confiabilidade	substantivo-formal	estudos de caso interpretativos, ficção etnográfica
Feminista	afrocêntrica, experiência vida, diálogo, cuidados, responsabilidade, raça, classe, gênero, reflexividade, práxis, emoção, embasamento concreto	crítica, do ponto de vista	ensaios, histórias, redação experimental
Étnica	afrocêntrica, experiência vida, diálogo, cuidados, responsabilidade, raça, classe, gênero	do ponto de vista, crítica, histórica	ensaios, fábulas, dramas
Marxista	teoria emancipatória, falsificável, dialógica, raça, classe, gênero	crítica, histórica, econômica análises socioculturais	histórica, econômica,
Estudos culturais	práticas culturais, práxis textos sociais, subjetividades	crítica social	teoria cultural como crítica
Teoria queer	reflexividade, desconstrução	crítica social, análise histórica	teoria como crítica, autobiografia

térios (emocionalidade e sentimento, cuidados, responsabilidade pessoal, diálogo) do gênero e das comunidades raciais (p. ex., afro-americanas).

As teorias feministas pós-estruturais enfatizam os problemas encontrados no texto social, em sua lógica, e em sua eterna incapacidade de representar plenamente o mundo da experiência vivida. Os críticos positivistas e pós-positivistas de avaliação são substituídos por outros termos, incluindo o texto reflexivo, de múltiplas vozes, embasado nas experiências dos oprimidos.

Os paradigmas dos estudos culturais e da teoria *quer* têm múltiplos focos, aproveitando muitas linhas diferentes do marxismo, do feminismo e da sensibilidade pós-moderna (ver Frow e Morris, Capítulo 11; Ganson, Capítulo 12; e no Volume 3, Richardson, Capítulo 14). Há uma tensão entre os estudos culturais humanísticos, os quais enfatizam as experiências vividas (significado), e um projeto mais estrutural da área dos estudos culturais, que enfatiza os determinantes estruturais e materiais (a raça, a classe e o gênero) e os efeitos da experiência. É claro que toda a moeda tem dois lados, e que esses dois lados são necessários, na verdade, críticos. Os paradigmas dos estudos culturais e da teoria *quer* empregam os métodos estrategicamente — ou seja, como recursos para compreender as estruturas locais de dominação e para produzir resistências a estas. Os estudiosos podem fazer leituras textuais cuidadosas e análises de discursos dos textos culturais (ver Olesen, no Capítulo 8; Frow e Morris, no Capítulo 11; e no Volume 3, Silverman, Capítulo 9), e também conduzir etnografias locais, em revistas abertas e observação participante. O foco está no modo como a raça, a classe e o gênero são produzidos e representados em situações historicamente específicas.

Munido do paradigma e da história pessoal, concentrando-se em um problema empírico concreto para examinar, o pesquisador agora passa para o estágio seguinte do processo de pesquisa — isto é, trabalhar com uma estratégia específica de investigação.

### Fase 3: As estratégias de investigação e os paradigmas interpretativos

A Tabela 1.1 apresenta algumas das principais estratégias de investigação que um pesquisador pode utilizar. A Fase 3 inicia com o planejamento de pes-

quisa, no qual, imaginado em linhas gerais, envolve um núcleo focado sobre a questão da pesquisa, os objetivos do estudo, "que informações responderão melhor as questões específicas da pesquisa, e quais estratégias são mais eficazes para obtê-las" (LeCompte e Preissle, 1993, p. 30; ver também no Volume 2, Janesick, Capítulo 2; Cheek, Capítulo 3). Um planejamento de pesquisa descreve um conjunto flexível de diretrizes que vinculam os paradigmas teóricos práticos às estratégias de investigação e, em segundo lugar, aos métodos para a coleta de materiais empíricos. O planejamento de pesquisa serve para situar os pesquisadores no mundo empírico, relacionando-os a terrenos, a pessoas, a grupos, a instituições específicas e a grandes volumes de materiais interpretativos relevantes, incluindo documentos e arquivos. Um planejamento de pesquisa também especifica como o investigador abordará as duas críticas questões da representação e da legitimação.

Uma estratégia de investigação também compreende um monte de habilidades, suposições e práticas que o pesquisador emprega ao deslocar-se do paradigma para o mundo empírico. As estratégias de investigação dão início aos paradigmas da investigação. Ao mesmo tempo, as estratégias de investigação também ligam o pesquisador a métodos específicos de coleta e de análise de materiais empíricos. Por exemplo, o estudo de caso depende de entrevistas, de observação e da análise de documentos. As estratégias de pesquisa implementam e ancoram paradigmas em terrenos empíricos específicos, ou em práticas metodológicas específicas, tais como a transformação de um caso em objeto de estudo. Entre essas estratégias estão o estudo de caso, as técnicas fenomenológicas e etnometodológicas e o emprego da *grounded theory*, bem como os métodos biográficos, auto-etnográficos, históricos, de ação e clínicos. Cada uma dessas estratégias está vinculada a uma literatura complexa, sendo que cada uma tem sua própria história, suas obras exemplares e seus modos preferenciais de dar início à estratégia.

### Fase 4: Métodos de coleta e de análise dos materiais empíricos

O pesquisador dispõe de diversos métodos para a coleta de materiais empíricos.<sup>17</sup> Esses métodos são mencionados na Parte I do Volume 3. Vários da entrevista à observação direta, passando pela análise de

artefatos, documentos e registros culturais e pelo uso de materiais visuais ou da experiência pessoal. O pesquisador também pode empregar uma variedade de métodos diferentes de leitura e de análise das entrevistas ou dos textos culturais, incluindo as estratégias do conteúdo, da narrativa e semióticas. Deparando-se com grandes volumes de materiais qualitativos, o investigador busca formas de administrar e de interpretar esses documentos, e é nesse ponto que os métodos de controle de dados e os métodos de análise auxiliados por recursos computacionais podem ter utilidade. Ryan e Bernard (Volume 3, Capítulo 7) e Weitzman (Volume 3, Capítulo 8) discutem essas técnicas.

### Fase 5: A arte e a política da interpretação e da avaliação

A pesquisa qualitativa é infinitamente criativa e interpretativa. A tarefa do pesquisador não se resume a deixar o campo levando pilhas de materiais empíricos e então redigir facilmente suas descobertas. As interpretações qualitativas são construídas. Em primeiro lugar, o pesquisador cria um texto de campo que consiste em observações de campo e em documentos provenientes do campo, o que Roger Sanjek (1990, p. 385) denomina "indagação" e David Plath (1990, p. 374) chama de "trabalho de arquivo". No papel de intérprete, o autor passa desse texto para o texto da pesquisa: as notas e as interpretações feitas com base no texto de campo. Esse texto é então recriado como um documento interpretativo de trabalho que contém as primeiras tentativas do autor de compreender o que ele aprendeu. Por fim, o autor produz o texto público que chega ao leitor. Essa última narrativa extraída do campo pode assumir diversas formas: confessional, realista, impressionista, crítica, formal, literária, analítica, *grounded theory* e assim por diante (Van Maanen, 1983).

A prática interpretativa de entender as descobertas do indivíduo é tanto artística quanto política. Hoje existem múltiplos critérios para avaliar a pesquisa qualitativa, e aqueles que enfatizamos realçam as estruturas situadas, relacionais e textuais da experiência etnográfica. Não existe uma única verdade inter-

pretativa. Como afirmamos anteriormente, o que existem são múltiplas comunidades interpretativas, cada qual com seus próprios critérios para avaliar uma interpretação.

A avaliação de programas é um dos principais terrenos da pesquisa qualitativa, e os pesquisadores qualitativos podem influenciar as políticas sociais em importantes aspectos. As contribuições de Greenwood e Levin (Capítulo 3), Kemmis e McTaggart (Volume 2, Capítulo 11), Miller e Crabtree (Volume 2, Capítulo 12), Chambers (Volume 3, Capítulo 11), Greene (Volume 3, Capítulo 16) e Rist (Volume 3, Capítulo 17) traçam e discutem a riqueza da história da pesquisa qualitativa aplicada nas ciências sociais. É nesse terreno crítico que a teoria, o método, a prática e a ação e as políticas se juntam. Os pesquisadores qualitativos podem isolar as populações-alvo, mostrar os efeitos imediatos de certos programas sobre esses grupos e isolar as restrições que agem contra as mudanças das políticas nesses cenários. Os pesquisadores qualitativos voltados para a ação e para a área clínica também podem criar espaços para que quem é estudado (o outro) fale. O avaliador transforma-se no canal através do qual essas vozes podem ser escutadas. Chambers, Greene e Rist desenvolvem explicitamente esses tópicos em seus capítulos.

### Uma ponte que ligue momentos históricos: o que vem depois?

Ellis e Bochner (Volume 3, Capítulo 6), Gergen e Gergen (Capítulo 13) e Richardson (Volume 3, Capítulo 14) sustentam a ideia de que nós já estamos no "pós"-pós-período — pós-pós-estruturalista, pós-pós-modernista, pós-pós-experimental. Ainda não está claro o que isso significa para as práticas etnográficas interpretativas, mas o certo é que nada mais será como antes. Estamos em uma nova era na qual os textos confusos, incertos, de múltiplas vozes, a crítica cultural e os novos trabalhos experimentais se tornaram mais comuns, assim como o serão as formas mais reflexivas de trabalho de campo, de análise e de representação intertextual. O tema de nosso ensaio final neste volume é o quinto, o sexto e o sétimo momentos. Como já disse o poeta, é verdade que o ponto central não mais se mantém. Podemos refletir sobre o que passará a ocupar destaque central.

<sup>17</sup> De T. "Trabalho de arquivo" (*filework*) em contraste com "trabalho de campo" (*fieldwork*).

E, assim, voltamos no tempo. Retornando a nos-  
sa metáfora da ponte, os capítulos a seguir condu-  
zem o pesquisador em um vaivém através de cada  
fase do ato da pesquisa. Como uma ponte, os capítu-  
los proporcionam um movimento de duas vias, um ir  
e vir entre os momentos, as formações e as comuni-  
dades interpretativas. Cada capítulo examina as his-  
tórias relevantes, as contravérsias e as atuais práticas  
que estão associadas a cada paradigma, estratégia e  
método. Cada um dos capítulos também traz proje-  
ções para o futuro, informando onde um paradigma,  
uma estratégia ou um método específicos estará da-  
qui a 10 anos, aprofundando-se nos anos forma-  
dos do século XXI.

Ao ler os capítulos a seguir, é importante lem-  
brar que o campo da pesquisa qualitativa é definido  
por uma série de tensões, contradições e hesitações.  
Essa tensão age em um vaivém entre a ampla e incer-  
ta sensibilidade pós-moderna e as concepções posi-  
tivistas, pós-positivistas e naturalistas mais definidas,  
mais tradicionais, desse projeto. Todos os capítulos a  
seguir envolvem-se nessa tensão e a articulam.

## NOTAS

1. A pesquisa qualitativa tem histórias independentes e distintas nas áreas da educação, do trabalho social, das comunicações, da psicologia, da história, dos estudos organizacionais, da ciência metódica, da antropologia e da sociologia.
2. Organizamos aqui algumas definições. O *positivismo* declara a possibilidade de se fornecer relatos objetivos do mundo real. Para o pós-positivismo, é possível produzir relatos apenas parcialmente objetivos do mundo, pois todos os métodos para examiná-los são imperfeitos. De acordo com o *fundacionalismo*, podemos ter um fundamento último para nossas alegações de conhecimento em relação ao mundo, e este envolve o emprego de epistemologias empíricas e positivistas (Schwandt, 1997a, p. 103). O *não-fundaciona- lismo* acredita que podemos fazer declarações sobre o mundo sem "recorrermos a uma prova definitiva ou aos fundamentos para esse conhecimento" (p. 102). Segundo o *quase-fundacionismo*, podemos alegar certos conhecimentos sobre o mundo com base em crí- terios não-realistas, incluindo o conceito da cores- pondência da verdade; existe uma realidade indepen- dente que pode ser mapeada (veja Smith e Deemer, Capítulo 12, Volume 3).
3. Jameson (1991, p. 3-4) nos lembra que qualquer hi- pótese de periodização é sempre suspeita, mesmo aquela que rejeita modelos lineares como os de está- gos. Nunca fica claro a qual realidade um estágio se refere, e é sempre discutível o que separa um estágio de outro. Nossos sete momentos destinam-se a indi- car mudanças discretas em estilo, gênero, episio- mologia, ética, política e estética.
4. Também organizamos algumas outras definições. O *estruturalismo* considera que qualquer sistema é com- posto por um conjunto de categorias opostas im- plantadas na linguagem. A *semiótica* é a ciência dos signos e dos sistemas de signos — um projeto estru- turalista. De acordo com o *pós-estruturalismo*, a lingua- gem é um sistema instável de referentes, logo, é sem- pre impossível captar totalmente o significado de uma ação, de um texto ou de uma intenção. O *pós-modernismo* é uma sensibilidade contemporânea, que vem se desenvolvendo desde a Segunda Guerra Mundial, sem privilegiar nenhuma autoridade, nenhum mé- todo ou paradigma. A *hermenêutica* é uma abordagem a análise de textos que enfatiza o modo como com- preensões e preconceitos anteriores influenciam o pro- cesso interpretativo. A *fenomenologia* é um complexo sistema de idéias associado às obras de Husserl, Hei- degger, Sartre, Merleau-Ponty e Alfred Schutz. Os *estudos culturais* são um campo interdisciplinar, comple- xo, que funde teoria crítica, feminismo e pós-estruc- turalismo.
5. É evidente que todos os cenários são naturais — ou seja, locais onde se desenvolvem as experiências do cotidiano. Os pesquisadores qualitativos estudam pos- soas que fazem coisas juntas nos lugares em que es- sas atividades acontecem (Becker, 1986). Não existe nenhum terreno de campo ou um local natural onde o indivíduo vai fazer esse tipo de trabalho (veja tam- bém Gupta e Ferguson, 1997, p. 8). O terreno é cons- tituído por meio das práticas interpretativas do pes- quisador. Os analistas normalmente traçam distinções entre os cenários de pesquisa experimental (labora- tório) e os de pesquisa de campo (natural), de onde provêm o argumento de que a pesquisa qualitativa é naturalista. A teoria da atividade elimina essa distin- ção (Keller e Keller, 1996, p. 20; Vygotksky, 1978).
6. De acordo com Weinstein e Weinstein (1991), "o sig- nificado de *bricolage* no francês popular é "alguém que utiliza suas próprias mãos em seu trabalho e emprega meios tortuosos se comparados aos do artesão" (...). Os autores fornecem uma história do termo, relacionan- do-o às obras do sociólogo e teórico social alemão Georg Simmel, e, por implicação, a Baudelaire. Ham- mersley (no prelo) contesta o modo como emprega-

## Introdução

7. Brian De Palma reproduziu essa cena do carrinho de bebê em seu filme *Os Indivíduos* de 1987.
8. No porto, os bocais dos dois canhões do *Potemkin* vol- tam-se lentamente em direção à câmera. Na tela, lê-se a seguinte informação: "Os canhões do navio de guerra são uma resposta do poder militar brutal". Uma famosa sequência de montagem de três tomadas mos- tra primeiro uma escultura de um leão adormecido, depois um leão despertando de seu sono, e, por últi- mo, o leão rugindo, como um símbolo da raiva do povo russo (Cook, 1981, p. 167). Nessa sequência, Eisenstein utiliza a montagem para expandir o tem- po, criando uma duração psicológica para esse horri- vo evento. Ao prolongar essa sequência, ao mostrar o bebê no carrinho, os soldados atirando nos cidadãos, o sangue nas lavas da mãe, o carrinho descendo os degraus, ele sugere um nível de destruição de grande magnitude.
9. Aqui é relevante traçar uma distinção entre as técni- cas utilizadas através das disciplinas, e os métodos que são utilizados dentro das disciplinas. Os etnomor- dologistas, por exemplo, empregam sua abordagem como um método, ao passo que outros selecionam esse método tomado-o emprestado como técnica para suas próprias aplicações. Harry Wolcott (comu- nicação pessoal, 1993) sugere essa distinção. Também é relevante fazermos distinções entre tópicos, método e recurso. Os métodos podem ser estudados como tópicos de investigação; ou seja como se conclui um estudo de caso. Nesse sentido etnomorfológico, tó- pico, o método é tanto um recurso quanto um tópico de investigação.
10. Na verdade, qualquer tentativa de se oferecer uma definição essencial da pesquisa qualitativa exige uma análise qualitativa das circunstâncias que produzem esse tipo de definição.
11. Nesse sentido, toda a pesquisa é qualitativa, visto que "o observador encontra-se no centro do processo de pesquisa" (Vadich e Lyman, Capítulo 12 deste volume).
12. Para ter uma ampliação e um detalhamento dessa tra- dição em meados dos anos de 1980, consulte Lincoln e Guba (1985), e, para ampliações mais recentes veja Taylor e Bogdan (1998) e Creswell (1997).
13. Greenblatt (1997, p. 15-18) oferece uma leitura des- construtiva proveitosa da diversidade de significados e de práticas que Geertz traz para o termo *descrip- ção*.
14. Essas obras acabaram marginalizando e minimizan- do as contribuições da teoria e da pesquisa feminista do ponto de vista para esse discurso (veja Behar, 1993, p. 3; Gordon, 1995, p. 432).
15. Olsen (Capítulo 8 deste volume) identifica três li- nhas de desenvolvimento da pesquisa feminista: em- pírica dominante; do ponto de vista e dos estudos culturais; e pós-estrutural, pós-moderna. Ela classifi- ca os modelos afrocentricos e outros modelos não- brancos nas categorias pós-moderna e dos estudos culturais.
16. É claro que estas são as nossas interpretações para esses paradigmas e esses estilos interpretativos.
17. *Materials empirics* é o termo escolhido para o que normalmente se descreve como dados.

## Referências

- Aronowitz, S. (1988). *Science as power: Discourse and ideology in modern society*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine.
- Becker, H. S. (1970). Problems of inference and proof in participant observation. In H. S. Becker, *Sociological work: Method and substance*. Chicago: (Reimpressão de *American Sociological Review*, 1958, 23, 652-660)
- Becker, H. S. (1986). *Diving things together*. Evanston: Northwestern University Press.
- Becker, H. S. (1996). The epistemology of qualitative re- search. In R. Jessor, A. Colby, & R. A. Sweder (Eds.), *Ethnography and human development: Context and meaning in social inquiry* (pp. 53-71). Chicago: University of Chi- cago Press.
- Becker, H. S. (1998). *Tricks of the trade: How to think about your research while you're doing it*. Chicago: University of Chicago Press.
- Becker, H. S., Geer, B., Hughes, E. C., & Strauss, A. L. (1961). *Boys in white: Student culture in medical school*. Chicago: University of Chicago Press.
- Behar, R. (1993). Introduction. Out of exile. In R. Behar & D. A. Gordon (Eds.), *Women writing culture* (pp. 1-29). Berkeley: University of California Press.
- Bogdan, R. C., & Taylor, S. J. (1975). *Introduction to qualita- tive research methods: A phenomenological approach to the so- cial sciences*. New York: John Wiley.
- Campbell, D. T., & Stanley, J. C. (1963). *Experimental and quasi-experimental designs for research*. Chicago: Rand McNally.
- Carey, J. W. (1989). *Communication as culture: Essays on media and society*. Boston: Unwin Hyman.
- Cicourel, A. V. (1964). *Method and measurement in sociology*. New York: Free Press.

- Clifford, J. (1988). *The predicament of culture: Twentieth-century ethnography, literature, and art*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Clifford, J., & Marcus G. E. (Eds.). (1986). *Writing culture: The poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- Clough, P. T. (1992). *The end(s) of ethnography: From realism to social criticism*. Newbury Park, CA: Sage.
- Clough, P. T. (1998). *The end(s) of ethnography: From realism to social criticism* (2nd ed.). New York: Peter Lang.
- Cook, D. A. (1981). *A history of narrative film*. New York: W. W. Norton.
- Cresswell, J. W. (1997). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Denzin, N. K. (1970). *The research act*. Chicago: Aldine.
- Denzin, N. K. (1978). *The research act* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Denzin, N. K. (1997). *Interpretive ethnography*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dilthey, W. L. (1976). *Selected writings*. Cambridge: Cambridge University Press. (Obra original publicada em 1900)
- Dyreski, M. (1998). Glimpses of street life: Representing it- versed experience through short stories. *Qualitative Inquiry*, 4, 131-137.
- Ellis, C., & Bochner, A. P. (Eds.). (1996). *Composing ethnography: Alternative forms of qualitative writing*. Walnut Creek, CA: AltaMira.
- Flsted, W. J. (Ed.). (1970). *Qualitative methodology*. Chicago: Markham.
- Flick, U. (1998). *An introduction to qualitative research: Theory, method and applications*. London: Sage.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: Selected essays*. New York: Basic Books.
- Geertz, C. (1983). *Local knowledge: Further essays in interpretive anthropology*. New York: Basic Books.
- Geertz, C. (1988). *Works and lives: The anthropologist as author*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Glaser, B. G. (1992). *Emergence vs. forcing: Basics of grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- Gordon, D. A. (1995). *Culture writing women: Inscribing feminist anthropology*. In R. Behar & D. A. Gordon (Eds.), *Women writing culture* (pp. 429-441). Berkeley: University of California Press.
- Gordon, D. A. (1988). *Writing culture, writing feminism: The poetics and politics of experimental ethnography*. *Inscriptions*, 34(3), 21-31.
- Greenblatt, S. (1997). The touch of the real. In S. B. Ortner (Ed.), *The face of culture: Geertz and beyond* [Edição especial]. *Representations*, 59, 14-29.
- Guba, E. G. (1990). *The alternative paradigm dialog*. In E. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 17-30). Newbury Park, CA: Sage.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1989). *Fourth generation evaluation*. Newbury Park, CA: Sage.
- Gupta, A., & Ferguson, J. (1997). Discipline and practice: "The field" as site, method, and location in anthropology. In A. Gupta & J. Ferguson (Eds.), *Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science* (pp. 1-46). Berkeley: University of California Press.
- Hammerly, M. (1992). *What's wrong with ethnography? Methodological explorations*. London: Routledge.
- Hammerly, M. (in press). Not bricolage but boaboulting. *Journal of Contemporary Ethnography*, books, 6 (1990). *Yearning, Race, gender, and cultural politics*. Boston: South End.
- Huber, J. (1995). Centennial essay: Institutional perspectives on sociology. *American Journal of Sociology*, 101, 194-216.
- Jackson, M. (1998). *Minima ethnographica: Intersubjectivity and the anthropological project*. Chicago: University of Chicago Press.
- Jameson, F. (1991). *Postmodernism, or: The cultural logic of late capitalism*. Durham, NC: Duke University Press.
- Jones, S. H. (1999). *Torah, Qualitative Inquiry*, 5, 235-230.
- Keller, C. M., & Keller, J. D. (1996). *Cognition and tool use: The blacksmith at work*. New York: Cambridge University Press.
- Lather, P. (1993). Fertile obsession: Validity after poststructuralism. *Sociological Quarterly*, 35, 673-694.
- Lather, P., & Smitnick, C. (1997). *Troubling the angels: Women living with HIV/AIDS*. Boulder, CO: Westview.
- LeCompte, M. D., & Preissle, J. (with Tesch, R.). (1993). *Ethnography and qualitative design in educational research* (2nd ed.). New York: Academic Press.
- Lévi-Strauss, C. (1966). *The savage mind* (2nd ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- Lincoln, Y. S. (1999, June). Courage, vulnerability and truth: Keynote address delivered at the conference "Reclaiming Voice II: Ethnographic Inquiry and Qualitative Research in a Postmodern Age." University of California, Irvine.
- Lincoln, Y. S. (em impressão). Varieties of validity: Quality in qualitative research. In J. J. Smart & C. E. Hinchon (Eds.), *Higher education: Handbook of theory and research*. New York: Agathon Press.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Lofland, J. (1971). *Analyzing social settings*. Belmont, CA: Wadsworth.
- Lofland, J. (1995). Analytic ethnography: Features, failings and futures. *Journal of Contemporary Ethnography*, 24, 30-67.
- Lofland, J., & Lofland, L. H. (1994). *Analyzing social settings: A guide to qualitative observation and analysis* (2nd ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- Lofland, J., & Lofland, L. H. (1995). *Analyzing social settings: A guide to qualitative observation and analysis* (3rd ed.). Belmont, CA: Wadsworth.

- Lofland, L. (1980). The 1969 Blumer-Hughes Talk. *Urban Life and Culture*, 9, 248-260.
- Malinowski, B. (1948). *Magic, science and religion, and other essays*. New York: Natural History Press. (Obra original publicada em 1916)
- Malinowski, B. (1967). *A diary in the strict sense of the term* (Tradução de N. Guertman). New York: Harcourt, Brace & World.
- Marcus, G. E., & Fischer, M. M. J. (1986). *Anthropology as cultural critique: An experimental moment in the human sciences*. Chicago: University of Chicago Press.
- Monaco, J. (1981). *How to read a film: The art, technology, language, history and theory of film* (Edição revisada). New York: Oxford University Press.
- Nelson, C., Treichler, P. A., & Grossberg, L. (1992). *Cultural studies: An introduction*. In L. Grossberg, C. Nelson, & P. A. Treichler (Eds.), *Cultural studies* (pp. 1-16). New York: Routledge.
- Ortner, S. B. (1997). Introduction. In S. B. Ortner (Ed.), *The face of culture: Geertz and beyond* [Edição especial]. *Representations*, 59, 1-13.
- Plath, D. W. (1990). Fieldnotes, filed notes, and the conferring of note. In R. Sanjek (Ed.), *Fieldnotes: The making of anthropology* (pp. 371-384). Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Richardson, L. (1997). *Fields of play: Constructing an academic life*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Roffman, P., & Purdy, J. (1981). *The Hollywood social problem film*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.
- Romá, C. R. (1998). Sketching with Derrida: An ethnography of a researcher/ethnographer. *Qualitative Inquiry*, 4, 405-420.
- Rosaldo, R. (1989). *Culture and truth: The remaking of social analysis*. Boston: Beacon.
- Sanjek, R. (Ed.). (1990). *Fieldnotes: The making of anthropology*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Schwandt, T. A. (1997a). *Qualitative inquiry: A dictionary of terms*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Schwandt, T. A. (1997b). *Textual gymnastics, ethics and angst*. In W. G. Tierney & Y. S. Lincoln (Eds.), *Representation and the text: Reframing the narrative voice* (pp. 305-311). Albany: State University of New York Press.
- Silverman, D. (1997). *Towards an aesthetics of research*. In D. Silverman (Ed.), *Qualitative research: Theory, method and practice* (pp. 239-253). London: Sage.
- Smith, A. D. (1992). *Fires in the mirror: Crown Heights, Brooklyn, and other identities*. Garden City, NY: Anchor.
- Snow, D., & Morrill, C. (1995). Ironies, puzzles, and contradictions in Denzin and Lincoln's vision of qualitative research. *Journal of Contemporary Ethnography*, 22, 358-362.
- Spindler, G., & Spindler, L. (1992). *Cultural process and ethnography: An anthropological perspective*. In M. D. LeCompte, W. L. Millroy, & J. Preissle (Eds.), *The handbook of qualitative research in education* (pp. 53-92). New York: Academic Press.
- Stocking, G. W., Jr. (1986). Anthropology and the science of the irrational: Malinowski's encounter with Freudian psychoanalysis. In G. W. Stocking, Jr. (Ed.), *Malinowski, Rivers, Benedict and others: Essays on culture and personality* (pp. 13-49). Madison: University of Wisconsin Press.
- Stocking, G. W., Jr. (1989). The ethnographic sensibility of the 1920s and the dualism of the anthropological tradition. In G. W. Stocking, Jr. (Ed.), *Romantic motives: Essays on anthropological sensibility* (pp. 208-276). Madison: University of Wisconsin Press.
- Stoller, P., & Olkes, C. (1987). *In society's shadow: A memoir of apprenticeship among the Songhay of Niger*. Chicago: University of Chicago Press.
- Strauss, A. L., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1998). *Introduction to qualitative research methods: A guidebook and resource* (3rd ed.). New York: John Wiley.
- Turner, V., & Bruner, E. (Eds.). (1986). *The anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press.
- Van Maanen, J. (1988). *Tales of the field: On writing ethnography*. Chicago: University of Chicago Press.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes* (M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, & E. Souberman, Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Weinstein, D., & Weinstein, M. A. (1991). *Georg Simmel: Sociological thinker bricoleur*. Theory, Culture & Society, 8, 151-168.
- West, C. (1989). *The American exodus of philosophy: Agency of pragmatism*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Wolcott, H. F. (1990). *Writing up qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage.
- Wolcott, H. F. (1992). *Posuring in qualitative inquiry*. In M. D. LeCompte, W. L. Millroy, & J. Preissle (Eds.), *The handbook of qualitative research in education* (pp. 3-52). New York: Academic Press.
- Wolcott, H. F. (1995). *The art of fieldwork*. Walnut Creek, CA: AltaMira.
- Wolf, M. A. (1992). *A three-told tale: Feminism, postmodernism, and ethnographic responsibility*. Stanford, CA: Stanford University Press.